

*Papa Francisco*



*Angelus-Regina Cæli*  
*2022*

Editado por 



## **PAPA FRANCISCO**

### **ANGELUS - REGINA CÆLI 2022**

No conjunto de textos publicados na internet no portal "*vatican/va*" em «Angelus - Regina Cæli» do Papa Francisco, inserem-se meditações pronunciadas pelo Santo Padre dirigidas aos fiéis aglomerados na Praça de S. Pedro.

No presente *epub* recolhem-se essas meditações, com início em 1 de Janeiro de 2022.

Textos obtidos a partir de  
*<https://www.vatican.va>*

SOLENIIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

55º DIA MUNDIAL DA PAZ

Sábado, 1º de janeiro de 2022

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia! Bom ano!*

Começamos o novo ano, confiando-o a Maria Mãe de Deus. O Evangelho da liturgia de hoje fala dela, reconduzindo-nos para o encanto do presépio. Os pastores vão sem demora para a gruta e o que encontram? Encontram – diz o texto – «Maria, José e o menino deitado na manjedoura» (Lc 2, 16). Façamos uma pausa sobre esta cena e imaginemos Maria que, como mãe terna e carinhosa, acabou de colocar Jesus na manjedoura. Naquele gesto podemos ver um dom feito a nós: Nossa Senhora não guarda o Filho para si, mas apresenta-o a nós; não o segura apenas no seu colo, mas depõe-no para nos convidar a olhar para ele, acolhê-lo e adorá-lo. Eis a maternidade de Maria: o Filho que nasceu é oferecido a todos nós. Sempre oferecendo o Filho, indicando o Filho, nunca o reteve como unicamente seu, não. E foi assim ao longo da vida de Jesus.

E ao colocá-lo diante dos nossos olhos, sem dizer uma palavra, transmite-nos uma mensagem maravilhosa: Deus está próximo, ao nosso alcance. Ele não vem com o poder de quem quer ser temido, mas com a fragilidade de quem pede para ser amado; não julga a partir do alto de um trono, mas olha para nós de baixo como irmão, aliás, como filho. Ele nasce pequenino e necessitado para que ninguém se envergonhe: precisamente quando experimentamos a nossa fraqueza e fragilidade, podemos sentir Deus ainda mais próximo, porque Ele se nos apresentou assim, débil e frágil. É o Deus-menino que nasce para não excluir ninguém. Para nos tornar todos irmãos e irmãs.

Eis então: o novo ano começa com Deus que, nos braços da sua Mãe e deitado numa manjedoura, nos encoraja ternamente. Precisamos deste encorajamento. Ainda vivemos tempos incertos e difíceis devido à pandemia. Muitos estão assustados com o futuro e sobrecarregados por situações sociais, problemas pessoais, perigos que provêm da crise

ecológica, injustiças e desequilíbrios económicos planetários. Olhando para Maria com o Filho nos braços, penso nas jovens mães e nos seus filhos que fogem das guerras e da fome ou que aguardam nos campos de refugiados. São tantos! E ao contemplarmos Maria que coloca Jesus na manjedoura, pondo-o à disposição de todos, lembremo-nos que o mundo muda e a vida de todos só melhora se nos colocarmos à disposição dos outros, sem esperar que eles comecem a fazê-lo. Se nos tornarmos artífices da fraternidade, seremos capazes de tecer os fios de um mundo dilacerado por guerras e violências.

Eis então: o novo ano começa com Deus que, nos braços da sua Mãe e deitado numa manjedoura, nos encoraja ternamente. Precisamos deste encorajamento. Ainda vivemos tempos incertos e difíceis devido à pandemia. Muitos estão assustados com o futuro e sobrecarregados por situações sociais, problemas pessoais, perigos que provêm da crise ecológica, injustiças e desequilíbrios económicos planetários. Olhando para Maria com o Filho nos braços, penso nas jovens mães e nos seus filhos que fogem das guerras e da fome ou que aguardam nos campos de refugiados. São tantos! E ao contemplarmos Maria que coloca Jesus na manjedoura, pondo-o à disposição de todos, lembremo-nos que o mundo muda e a vida de todos só melhora se nos colocarmos à disposição dos outros, sem esperar que eles comecem a fazê-lo. Se nos tornarmos artífices da fraternidade, seremos capazes de tecer os fios de um mundo dilacerado por guerras e violências.

Hoje celebramos o Dia Mundial da Paz. A paz «é conjuntamente dádiva do Alto e fruto dum empenho compartilhado» (*Mensagem para o LV Dia Mundial da Paz*, 1). *Dádiva* do alto: deve ser implorada a Jesus, porque sozinhos não somos capazes de a salvaguardar. Só podemos verdadeiramente construir a paz se a tivermos no coração, só se a recebermos do Príncipe da paz. Mas a paz é também empenho nosso: exige que demos o primeiro passo, requer gestos concretos. É construída com atenção aos últimos, com a promoção da justiça, com a coragem do perdão, que extingue o fogo do ódio. E também precisa de uma perspetiva positiva: que olhemos sempre – na Igreja como na sociedade – não para o mal que nos divide, mas para o bem que nos pode unir! Não nos devemos abater

nem lamentar, mas arregaçar as mangas para construir a paz. A Mãe de Deus, Rainha da paz, no início deste ano, obtenha concórdia para os nossos corações e para o mundo inteiro.

\*\*\*

**Domingo, 2 de janeiro de 2022**

*Amados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia hodierna oferece-nos uma frase muito bonita, que rezamos sempre no Angelus e que sozinha nos revela o significado do Natal: «O Verbo fez-se homem e habitou entre nós» (Jo 1, 14). Estas palavras, se pensarmos bem, contêm um paradoxo. Reúnem duas realidades opostas: o Verbo e a homem. “Verbo” indica que Jesus é a Palavra eterna do Pai, Palavra infinita, que existe desde sempre, antes de todas as coisas criadas; “homem”, por outro lado, indica precisamente a nossa realidade, realidade criada, frágil, limitada, mortal. Antes de Jesus havia dois mundos separados: o Céu oposto à terra, o infinito oposto ao finito, o espírito oposto à matéria. E há outra oposição no Prólogo do Evangelho de João, outro binómio: *luz e trevas* (cf. v. 5). Jesus é a luz de Deus que entrou nas trevas do mundo. Luz e trevas. Deus é luz: nele não há opacidade; em nós, ao contrário, há muita escuridão. Agora, com Jesus, Luz e trevas encontram-se: santidade e culpa, graça e pecado. Jesus, a encarnação de Deus é precisamente o lugar do encontro, do encontro entre Deus e os homens, o encontro entre a graça e o pecado.

O que quer anunciar o Evangelho com estas polaridades? Uma coisa esplêndida: o modo de agir de Deus. Perante a nossa fragilidade, o Senhor não se desiste. Não permanece na sua eternidade tranquila e na sua luz infinita, mas aproxima-se, faz-se homem, desce às trevas, habita terras que lhe são estranhas. E por que faz isto Deus? Por que desce até nós? Fá-lo porque não se resigna ao facto de nos podermos afastar dele, afastar da eternidade e da luz. Eis a obra de Deus: vir entre nós. Se nos considerarmos indignos, isso não o impede, Ele vem. Se o rejeitarmos, Ele não se cansa de nos procurar. Se não estivermos prontos e dispostos a recebê-lo, contudo ele

prefere vir. E se fecharmos a porta na sua cara, Ele espera. Ele é o Bom Pastor. E a imagem mais bela do Bom Pastor? O Verbo que se fez carne para partilhar a nossa vida. Jesus é o Bom Pastor que vem procurar-nos onde estivermos: nos nossos problemas, na nossa miséria. Ele vem ali.

Estimados irmãos e irmãs, muitas vezes mantemo-nos distantes de Deus porque pensamos que não somos dignos dele por outras razões. É verdade. Mas o Natal convida-nos a ver as coisas *do seu ponto de vista*. Deus deseja encarnar-se. Se o teu coração parece demasiado poluído pelo mal, se te parece desordenado, por favor não te feches, não tenhas medo: Ele vem. Pensa na manjedoura em Belém. Jesus nasceu ali, naquela pobreza, para te dizer que não tem medo de visitar o teu coração, de habitar uma vida desleixada. Esta é a palavra: *habitar*. *Habitar* é o verbo que o Evangelho usa hoje para significar esta realidade: exprime uma partilha total, uma grande intimidade. Este é o desejo de Deus: quer habitar *connosco*, quer habitar *em nós*, não ficar longe.

E pergunto-me, a mim mesmo, a vós e a todos: queremos dar-lhe espaço? Em palavras, sim; ninguém dirá: “eu não”; sim. Mas concretamente? Talvez haja aspetos da vida que conservamos para nós, exclusivos, ou lugares interiores onde temos medo que o Evangelho entre, onde não queremos colocar Deus. Hoje convido-vos a serdes concretos. Quais são as coisas interiores que eu penso que não agradam a Deus? Qual é o espaço que conservo apenas para mim e que não quero que Deus lá vá? Cada um de nós seja concreto e responda a isto. “Sim, sim, eu gostaria que Jesus viesse, mas que não toque nisto; e nisto não, e naquilo...”. Cada um tem o próprio pecado – chamemo-lo pelo nome – e Ele não tem medo dos nossos pecados: veio para nos curar. Deixemos pelo menos que Ele o veja, deixemos que Ele veja o pecado. Sejam corajosos, digamos: “Senhor, estou nesta situação, não quero mudar. Mas tu, por favor, não te afastes muito”. Esta é uma boa oração. Sejam sinceros hoje.

Nestes dias natalícios, far-nos-á bem receber o Senhor exatamente ali. Como? Por exemplo, parando em frente do presépio, porque ele mostra Jesus que vem habitar toda a nossa vida concreta, comum, onde as coisas não correm bem, onde há muitos problemas – alguns por nossa culpa,

outros por culpa dos demais – e Jesus vem. Vemos ali pastores que trabalham arduamente, Herodes que ameaça os inocentes, uma grande pobreza... Mas no meio de tudo isto, no meio de tantos problemas – e também no meio dos nossos problemas – há Deus, há Deus que quer habitar conosco. E espera que lhe apresentemos as nossas situações, aquilo que estamos a viver. Portanto, em frente do presépio, falemos com Jesus sobre as nossas vicissitudes concretas. Convidemo-lo oficialmente para a nossa vida, sobretudo para as zonas obscuras: “Olha, Senhor, ali não há luz, a eletricidade não chega, mas por favor não toques, porque não me apetece sair desta situação”. Falar claramente, de modo concreto. As zonas obscuras, as nossas “manjedouras interiores”: cada um de nós as tem. E falemos-lhe também sem receio dos problemas sociais, dos problemas eclesiais do nosso tempo; dos problemas pessoais, até dos mais terríveis: Deus gosta de habitar na nossa manjedoura.

A Mãe de Deus, na qual o Verbo se fez carne, nos ajude a cultivar uma maior intimidade com o Senhor.

\*\*\*

SOLENNIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

Quinta-feira, 6 de janeiro de 2022

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia, boa festa!*

Hoje, solenidade da Epifania, contemplamos o episódio dos Magos (cf. Mt 2, 1-12). Eles empreendem uma longa e árdua viagem para ir adorar «o rei dos Judeus» (v. 2). São guiados pelo sinal prodigioso de uma estrela, e quando finalmente chegam à meta, em vez de encontrarem algo grandioso, veem um menino com a mãe. Poderiam ter protestado: “Tanta estrada, tantos sacrifícios para estar perante um menino pobre?”. No entanto, não se escandalizam, não se desiludem. Não se lamentam. O que fazem? Prostram-se. «Entrando na casa – diz o Evangelho – acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, adoraram-no» (v. 11).

Pensemos nestes sábios que vieram de longe, ricos, cultos, conhecidos, que se prostram, isto é, inclinam-se para adorar um menino! Parece uma contradição. Surpreende um gesto tão humilde realizado por parte de homens tão ilustres. Era habitual naquela época prostrar-se diante de uma autoridade que se apresentava com os sinais de poder e glória. E ainda hoje não seria estranho. Mas diante do Menino de Belém não é simples. Não é fácil adorar este Deus, cuja divindade permanece oculta e não parece triunfante. Significa aceitar a grandeza de Deus, que se manifesta na pequenez: esta é a mensagem. Os magos abaixam-se perante a lógica inaudita de Deus, acolhem o Senhor não como o imaginavam, mas tal como é, pequeno e pobre. A prostração é o sinal de quem põe de lado as próprias ideias e dá espaço a Deus. É necessária humildade para o fazer.

O Evangelho insiste nisto: não se limita a dizer que os magos adoraram, mas sublinha que se prostraram e adoraram. Entendamos esta indicação: adoração e prostração caminham juntas. Ao realizar este gesto, os magos demonstram que acolhem com humildade Aquele que se apresenta na humildade. E é assim que se abrem à adoração de Deus. Os cofres que abrem são imagem do seu coração aberto: a sua verdadeira riqueza não consiste na fama, no sucesso, mas na humildade, na sua crença de que precisam de salvação. Este é o exemplo que os Magos nos dão hoje.

Queridos irmãos e irmãs, se permanecermos sempre no centro de tudo com as nossas ideias e presumirmos vangloriar-nos de algo perante Deus, nunca o encontraremos plenamente, nunca o adoraremos. Se não deixarmos cair as nossas pretensões, as nossas vaidades, as nossas obsessões, os nossos esforços para sobressairmos, podemos muito bem adorar alguém ou algo na vida, mas não será o Senhor! Se, por outro lado, abandonarmos as nossas pretensões de autossuficiência, se nos fizermos pequenos por dentro, então redescobriremos a maravilha de adorar Jesus. Porque *a adoração passa pela humildade do coração*: aqueles que têm a vontade de superar, não se apercebem da presença do Senhor. Jesus passa ao lado e é ignorado, como aconteceu a muitos naquele tempo, mas não aos Magos.

Irmãos e irmãs, olhando para eles, perguntemo-nos hoje: como está a minha humildade? Estou convencido de que o orgulho impede o meu



progresso espiritual? Aquele orgulho, manifesto ou oculto, que cobre sempre o impulso para Deus. Será que trabalho na minha docilidade, para estar disponível para Deus e para os outros, ou estou sempre centrado em mim mesmo, e nas minhas exigências, com aquele egoísmo oculto que é a soberba? Será que sei pôr de lado o meu ponto de vista para abraçar o de Deus e o dos outros? E por fim: rezo e adoro apenas quando preciso de alguma coisa, ou faço-o com constância porque acredito que preciso sempre de Jesus? Os Magos começaram a sua viagem olhando para uma estrela e encontraram Jesus. Eles percorreram um longo caminho. Hoje podemos seguir este conselho: olhar para a estrela e caminhar. Nunca deixeis de caminhar, mas não vos esqueçais de olhar para a estrela. Este é o conselho de hoje, vigoroso: olhar para a estrela e caminhar, olhar para a estrela e caminhar.

Que a Virgem Maria, serva do Senhor, nos ensine a redescobrir a necessidade vital da humildade e o gosto vivo da adoração. Que ela nos ensine a olhar para a estrela e a caminhar.

\*\*\*

FESTA DO BATISMO DO SENHOR

**Domingo, 9 de janeiro de 2022**

*Amados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da liturgia de hoje mostra-nos a cena com a qual Jesus inicia a vida pública: Ele, que é o Filho de Deus e o Messias, vai para as margens do rio Jordão e é batizado por João Batista. Depois de cerca de trinta anos vividos no escondimento, Jesus não se apresenta com algum milagre nem subindo à cátedra para ensinar. Ele põe-se na fila com o povo que ia receber o batismo de João. O hino litúrgico de hoje diz que o povo ia para ser batizado com a alma nua e os pés descalços, humildemente. Boa atitude, com a alma nua e os pés descalços. E Jesus partilha o destino de nós pecadores, desce até nós: desce ao rio como na história ferida da humanidade, mergulha nas nossas águas para as purificar, imerge-se connosco, no nosso meio. Não se eleva acima de nós, mas desce rumo a

nós, com a alma nua, com os pés descalços, como o povo. Ele não vai sozinho, nem com um grupo de eleitos privilegiados, não, ele vai com o povo. Ele pertence àquele povo e vai com o povo para ser batizado, com aquele povo humilde.

Reflitamos sobre um ponto importante: no momento em que Jesus recebe o Batismo, o texto diz que «estava em oração» (Lc 3, 21). Faz-nos bem contemplar isto: Jesus reza. Mas como? Ele, que é o Senhor, o Filho de Deus, reza como nós? Sim, Jesus – os Evangelhos repetem-no muitas vezes – passa muito tempo em oração: no início de cada dia, muitas vezes à noite, antes de tomar decisões importantes... A sua oração é um diálogo, uma relação com o Pai. Assim, no Evangelho de hoje podemos ver os “dois movimentos” da vida de Jesus: por um lado, ele desce rumo a nós, nas águas do Jordão; por outro, eleva o olhar e o coração rezando ao Pai.

Esta é uma grande lição para nós: estamos todos imersos nos problemas da vida e em muitas situações complicadas, chamados a enfrentar momentos e escolhas difíceis que nos puxam para baixo. Mas, se não quisermos ser esmagados, precisamos de elevar tudo para o alto. E a oração faz exatamente isto, não é uma via de fuga, a oração não é um rito mágico nem uma repetição de cânticos aprendidos de cor. Não. Rezar é o modo para deixar Deus agir em nós, para compreender o que Ele quer comunicar-nos inclusive nas situações mais difíceis, rezando para ter forças para continuar. Muitas pessoas, quando sentem que já não aguentam, rezam: “Senhor, dai-me a força para continuar”. Também nós já o fizemos muitas vezes. A oração ajuda-nos porque nos une a Deus, abre-nos a um encontro com Ele. Sim, a oração é a chave que abre o coração ao Senhor. É dialogar com Deus, é ouvir a sua Palavra, é adorar: permanecer em silêncio, confiando-lhe o que vivemos. E por vezes é também gritar-Lhe como Job, para desabafar com Ele. Gritar como Job. Ele é pai, compreende-nos bem. Nunca se zanga connosco. E Jesus reza.

A oração – para usar uma bonita imagem do Evangelho de hoje – “abre o céu” (cf. v. 21). A oração abre o céu: dá oxigénio à vida, dá fôlego também no meio dos afãs e faz com que se veja tudo de modo mais amplo. Sobretudo, permite-nos ter a mesma experiência de Jesus no Jordão: faz-nos

sentir filhos amados pelo Pai. A nós também, quando rezamos, o Pai diz, como a Jesus no Evangelho: “Tu és o meu filho muito amado” (cf. v. 22). O nosso ser filhos começou no dia do Batismo, que nos imergiu em Cristo e, como membros do povo de Deus, nos transformou em filhos amados do Pai. Não nos esqueçamos a data do nosso Batismo! Se eu perguntasse agora a cada um de vós: qual é a data do teu Batismo? Talvez alguns não se lembrem. Isto é uma bonita coisa: recordar a data do Batismo, porque é o nosso renascimento, o momento no qual nos tornamos filhos de Deus com Jesus. E quando voltardes para casa – se não o sabeis – perguntai à mãe, à tia ou aos avós: “Quando fui batizado ou batizada?”, e memorizai aquela data para a celebrar, para dar graças ao Senhor. E hoje, neste momento, perguntemo-nos: como está a minha oração? Rezo por hábito, rezo sem vontade, apenas recitando fórmulas, ou a minha oração é um encontro com Deus? Eu, pecador, estou sempre no povo de Deus, nunca estou isolado? Cultivo a intimidade com Deus, dialogo com Ele, escuto a sua Palavra? Entre as muitas coisas que fazemos durante o dia, não negligenciemos a oração: dediquemos-lhe tempo, recitemos com frequência breves invocações, leiamos o Evangelho todos os dias. A oração que abre o céu.

E agora dirijamo-nos a Nossa Senhora, Virgem orante, que fez da sua vida um cântico de louvor a Deus.

\*\*\*

**Domingo, 16 de janeiro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da liturgia de hoje relata o episódio das bodas de Caná, onde Jesus transforma a água em vinho para a alegria dos noivos. E conclui-se assim: «Este foi o início dos sinais que Jesus realizou; Ele manifestou a sua glória e os seus discípulos acreditaram nele» (Jo 2, 11). Observamos que o evangelista João não fala de um milagre, ou seja, de um acontecimento poderoso e extraordinário que gera maravilha. Ele escreve que em Caná ocorre um sinal que suscita a fé dos discípulos. Podemos então perguntar-nos: o que é um “sinal” segundo o Evangelho?

Um sinal é um indício que revela o amor de Deus, isto é, que não chama a atenção para o poder do gesto, mas para o amor que o provocou. Ensina-nos algo do amor de Deus, que é sempre próximo, terno e compassivo. O primeiro sinal ocorre quando dois recém-casados se encontram em dificuldade no dia mais importante da sua vida. No meio da festa falta um elemento essencial, o vinho, e a alegria corre o risco de esvaecer no meio das críticas e da insatisfação dos convidados. Imaginemos como pode continuar uma festa de casamento só com água! É terrível, uma má figura que farão os noivos!

É Nossa Senhora que se dá conta do problema e o indica discretamente a Jesus. E Ele intervém sem clamor, quase sem que alguém se aperceba. Tudo se passa na discrição, “nos bastidores”: Jesus diz aos servos para encherem as ânforas com água, que se transforma em vinho. Deus age deste modo, com proximidade e discrição. Os discípulos de Jesus dão-se conta disto: veem que graças a Ele as bodas se tornaram ainda mais bonitas. E também veem o modo de agir de Jesus, o seu servir no escondimento – assim é Jesus: ajuda-nos, serve-nos no escondimento, naquele momento – de tal modo que os elogios pelo bom vinho são feitos ao noivo, ninguém percebe, apenas os servos. Assim a semente da fé começa a desenvolver-se neles, ou seja, acreditam que em Jesus está presente Deus, o amor de Deus.

É bom pensar que o primeiro sinal que Jesus realiza não é uma cura extraordinária nem um milagre no templo de Jerusalém, mas um gesto que responde a uma necessidade simples e concreta das pessoas comuns, um gesto doméstico, um milagre, por assim dizer, “na ponta dos pés”, discreto, silencioso. Ele está pronto para nos ajudar, para nos aliviar. E assim, se estivermos atentos a estes “sinais”, somos conquistados pelo seu amor e tornamo-nos seus discípulos.

Mas há outra característica distintiva do sinal de Caná. Geralmente, o vinho que se oferecia no final da festa era o menos bom; também hoje se faz desta forma, naquele ponto as pessoas já não distinguem muito bem se é um bom vinho ou um vinho ligeiramente regado. Jesus, ao contrário, certifica-se de que a festa se conclua com *o melhor vinho*. Simbolicamente, isto diz-nos que Deus quer o melhor para nós, Ele quer que sejamos felizes.

Ele não estabelece limites nem cobra juros. No sinal de Jesus, não há lugar para segundos fins, para pretensões em relação aos noivos. Não, a alegria que Jesus deixa no coração é alegria plena e abnegada. Nunca é uma alegria diluída!

Por isso sugiro-vos um exercício que nos pode fazer muito bem. Tentemos hoje sondar as nossas memórias em busca dos sinais que o Senhor realizou na minha vida. Cada pessoa diga: na minha vida, que sinais realizou o Senhor? Quais os indícios da sua presença? Sinais que Ele realizou, para nos mostrar que nos ama; pensemos naquele momento difícil em que Deus me fez experimentar o seu amor... E perguntemo-nos: com quais sinais, discretos e atenciosos, Ele me fez sentir a sua ternura? Quando senti o Senhor mais próximo de mim, quando senti a sua ternura, a sua compaixão? Cada um de nós na nossa história viveu esses momentos. Procuremos esses sinais, façamos memória. Como descobri a sua proximidade? Como permaneceu no meu coração uma grande alegria? Revivamos os momentos em que experimentámos a sua presença e a intercessão de Maria. Ela, a Mãe, que como em Caná está sempre atenta, nos ajude a fazer tesouro dos sinais de Deus na nossa vida.

\*\*\*

**Domingo, 23 de janeiro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

No Evangelho da Liturgia de hoje vemos Jesus que inaugura a sua pregação (cf. *Lc* 4, 14-21): é a primeira pregação de Jesus. Ele vai a Nazaré, onde cresceu, e participa na oração na sinagoga. Levanta-se para ler e, no rolo do profeta Isaías, encontra a passagem relativa ao Messias, que proclama uma mensagem de consolação e libertação para os pobres e oprimidos (cf. *Is* 61, 1-2). No final da leitura, «os olhos de todos estavam fixos n'Ele» (v. 20). E Jesus começa assim: «Hoje cumpriu-se esta escritura» (v. 21). Reflitamos sobre este hoje. É a primeira palavra da pregação de Jesus citada no Evangelho de Lucas. Pronunciada pelo Senhor, indica um “hoje” que atravessa todas as épocas e permanece sempre válido.

A Palavra de Deus é sempre “hoje”. Começa um “hoje”: quando lê a Palavra de Deus, na tua alma tem início um “hoje”, se a compreenderes bem. Hoje. A profecia de Isaías remontava a séculos, mas Jesus, «pelo poder do Espírito» (v. 14), torna-a atual e, sobretudo, leva-a a cumprimento, indicando o modo de receber a Palavra de Deus: hoje. Não como uma história antiga, não: hoje. Fala hoje ao teu coração.

Os concidadãos de Jesus impressionaram-se com a sua palavra. Não obstante enevoados pelos preconceitos, não acreditem nele, percebem que o seu ensinamento é diferente daquele dos outros mestres (cf. v. 22): intuem que em Jesus há algo mais. O quê? Há a *unção do Espírito Santo*. Às vezes acontece que os nossos sermões e os nossos ensinamentos permanecem genéricos, abstratos, não comovem a alma nem a vida do povo. E porquê? Porque lhes falta a força deste hoje, aquilo que Jesus “enche de significado” com o poder do Espírito é o hoje. Hoje fala-te. Sim, às vezes ouvimos palestras impecáveis, discursos bem construídos, mas não comovem o coração e por isso tudo permanece como antes. Também muitas homílias – digo isto com respeito, mas com tristeza – são abstratas, e em vez de despertar a alma, fazem-na dormir. Quando os fiéis começam a olhar para o relógio – “quando acabará isto?” – adormecem a alma. A pregação corre este risco: sem a unção do Espírito empobrece a Palavra de Deus, cai no moralismo ou em conceitos abstratos; apresenta o Evangelho com distância, como se estivesse fora do tempo, longe da realidade. E este não é o caminho. Mas uma palavra na qual a força do hoje não pulsa, não é digna de Jesus e não ajuda a vida das pessoas. É por isso que aqueles que pregam, por favor, são os primeiros a ter que experimentar o hoje de Jesus, para o poder comunicar no hoje dos outros. E se quiser dar palestras, conferências, que o faça, mas noutro lugar, não no momento da homília, onde deve transmitir a Palavra de maneira a comover os corações.

Prezados irmãos e irmãs, neste *Domingo da Palavra de Deus*, gostaria de agradecer aos pregadores e anunciadores do Evangelho que permanecem fiéis à Palavra que comove o coração, que permanecem fiéis ao “hoje”. Oremos por eles, para que vivam o hoje de Jesus, o suave poder do seu Espírito, que vivifica as Escrituras. Com efeito, a Palavra de Deus é viva e eficaz (cf. *Hb* 4, 12), muda-nos, entra nas nossas vicissitudes, ilumina a

nossa vida quotidiana, consola e traz ordem. Lembremo-nos: a Palavra de Deus transforma um dia comum *no hoje em que Deus nos fala*. Portanto, peguemos no Evangelho, cada dia uma pequena passagem para ler e reler. Levai o Evangelho no bolso ou na bolsa, para o ler em viagem, a qualquer momento, lendo-o calmamente. Com o tempo descobriremos que estas palavras são para nós, para a nossa vida. Ajudar-nos-ão a aceitar cada dia com uma perspectiva melhor e mais serena, porque quando o Evangelho entra no hoje, enche-o de Deus. Gostaria de vos fazer uma proposta. Nos domingos deste ano litúrgico é proclamado o Evangelho de Lucas, o Evangelho da misericórdia. Por que não o ler também pessoalmente, na íntegra, um pequeno trecho por dia? Um pequeno trecho. Familiarizemo-nos com o Evangelho, trar-nos-á a novidade e a alegria de Deus!

A Palavra de Deus é também o farol que guia o percurso sinodal, que teve início em toda a Igreja. Enquanto nos esforçamos por nos escutar uns aos outros, com atenção e discernimento – porque não é fazer uma pesquisa de opinião, não, mas discernir a Palavra – escutemos juntos a Palavra de Deus e o Espírito Santo. E que Nossa Senhora obtenha para nós a constância de nos nutrir com o Evangelho todos os dias.

\*\*\*

**Domingo, 30 de janeiro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

Na liturgia de hoje, o Evangelho narra a primeira pregação de Jesus na sua cidade, Nazaré. O êxito é amargo: em vez de receber aprovação, Jesus encontra incompreensão e até hostilidade (cf. *Lc 4, 21-30*). Os seus concidadãos, mais do que uma palavra de verdade, queriam milagres, sinais prodigiosos. O Senhor não os realiza e eles rejeitam-no, pois dizem que já o conheciam desde criança, que é o filho de José (cf. v. 22) e outras coisas mais. Então, Jesus pronunciou uma frase que se tornou proverbial: «Nenhum profeta é bem aceito na sua pátria» (v. 24).

Estas palavras revelam que o fracasso para Jesus não foi totalmente inesperado. Conhecia o seu povo, conhecia o coração do seu povo, conhecia o risco que estava a correr e previa a rejeição. Então podemos perguntar-nos: se é assim, se previa o fracasso, por que foi à sua cidade? Por que fazer o bem a pessoas que não estão dispostas a aceitá-lo? É uma pergunta que nos fazemos com frequência. Contudo, é uma questão que nos ajuda a compreender melhor a Deus. Face aos nossos fechamentos, ele não retrocede: *não põe limites ao seu amor*. Perante os nossos fechamentos, ele vai em frente. Vemos um reflexo disto nos pais que estão conscientes da ingratidão dos filhos, mas não deixam de os amar e de lhes fazer o bem. Deus é assim, mas a um nível muito mais elevado. E hoje também nos convida a acreditar no bem, a nunca deixar de procurar fazer o bem.

Mas no que aconteceu em Nazaré, encontramos outro aspeto: a hostilidade para com Jesus por parte dos “seus” provoca-nos: eles não foram acolhedores, e nós? Para verificar isto, vejamos os modelos de acolhimento que Jesus propõe hoje, aos seus concidadãos e a nós. São dois estrangeiros: uma viúva de Sarepta, na Sidónia, e Naamã, o sírio. Ambos acolheram profetas: a primeira acolheu Elias, o segundo Eliseu. Mas não foi uma receção fácil, passou através de experiências. A viúva hospedou Elias, apesar da carestia e embora o profeta fosse perseguido (cf. *1 Rs 17, 7-16*), era um perseguido político-religioso. Naamã, por sua vez, não obstante fosse uma pessoa de nível muito elevado, aceitou o pedido do profeta Eliseu, que o levou a humilhar-se, a banhar-se sete vezes num rio (cf. *2 Rs 5, 1-14*), como se fosse uma criança ignorante. A viúva e Naamã, em suma, acolheram através da *disponibilidade e da humildade*. O modo de acolher Deus é estar sempre disponível, acolhê-lo e ser humilde. A fé passa por isto: disponibilidade e humildade. A viúva e Naamã não rejeitaram os caminhos de Deus e dos seus profetas; foram dóceis, não rígidos nem fechados.

Irmãos e irmãs, Jesus também segue o caminho dos profetas: apresenta-se como não o esperaríamos. Aqueles que procuram milagres não o encontrarão – se procurarmos milagres não encontraremos Jesus – aqueles que procuram novas sensações, experiências íntimas, coisas estranhas; aqueles que procuram uma fé feita de poder e de sinais exteriores não o encontrarão. Não, eles não o encontrarão. Apenas aqueles que aceitam os



seus caminhos e desafios, sem queixas, sem suspeitas, sem críticas nem caras feias, o encontrarão. Jesus, por outras palavras, pede-nos que O acolhamos na realidade quotidiana que vivemos; na Igreja de hoje, como ela é; naqueles que estão próximos todos os dias; na vida concreta dos necessitados, nos problemas das nossas famílias, nos pais, nos filhos, nos avós, ali acolhemos Deus. Ali está ele, convidando-nos a purificar-nos no rio da disponibilidade e em muitos banhos saudáveis de humildade. Precisamos de humildade para encontrar Deus, para nos deixarmos encontrar por Ele.

E nós, somos acolhedores ou parecidos com os seus concidadãos, que pensavam saber tudo sobre ele? “Estudei teologia, fiz o curso de catequese... Sei tudo sobre Jesus!”. Sim, como um estulto! Não sejas estúpido, não conheces Jesus. Talvez, após tantos anos de fé, pensamos que conhecemos bem o Senhor, muitas vezes com as nossas ideias e julgamentos. O risco é acostumar-nos, acostumar-nos a Jesus. E como nos habituamos? Fechando-nos, fechando-nos à sua novidade, ao momento em que ele bate à porta e nos diz algo novo, ele quer entrar em nós. Devemos sair deste permanecer fixados nas nossas posições. O Senhor pede uma mente aberta e um coração simples. E quando uma pessoa tem uma mente aberta, um coração simples, tem a capacidade de se surpreender, de se maravilhar. O Senhor surpreende-nos sempre, esta é a beleza do encontro com Jesus. Que Nossa Senhora, modelo de humildade e disponibilidade, nos mostre o caminho para acolher Jesus.

\*\*\*

**Domingo, 6 de fevereiro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia de hoje leva-nos às margens do lago da Galileia. A multidão aglomera-se à volta de Jesus, enquanto alguns pescadores desiludidos, incluindo Simão Pedro, lavavam as suas redes após uma noite de pesca que correu mal. E eis que Jesus entra precisamente na barca de Simão; depois convida-o a fazer-se ao largo e a lançar de novo as

redes (cf. *Lc* 5, 1-4). Façamos uma pausa nestas duas ações de Jesus: primeiro entra na barca e depois, a segunda, convida-o a fazer-se ao largo. Aquela noite correrá mal, sem peixe, mas Pedro confia e faz-se ao largo.

Antes de tudo, Jesus entra na barca de Simão. Para fazer o quê? Para ensinar. Pede precisamente aquela barca, que não estava cheia de peixe mas que regressara vazia à margem, depois de uma noite de fadiga e desilusão. É uma bela imagem também para nós. Todos os dias a barca da nossa vida deixa as margens da nossa casa para navegar no mar das atividades diárias; todos os dias procuramos “pescar ao largo”, cultivar sonhos, perseguir projetos, viver o amor nas nossas relações. Mas muitas vezes, como Pedro, experimentamos a “noite das redes vazias” – a noite das redes vazias – a desilusão de nos esforçarmos muito e não vermos os resultados desejados: «Trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos» (v. 5), diz Simão. Quantas vezes também nós ficamos com uma sensação de derrota, enquanto o desapontamento e a amargura surgem no coração. Dois carunchos muito perigosos.

O que faz então o Senhor? Escolhe precisamente entrar na nossa barca. Dali quer anunciar o Evangelho. Aquela barca vazia, o símbolo da nossa incapacidade, torna-se a “cátedra” de Jesus, o púlpito do qual ele proclama a Palavra. O Senhor gosta de fazer isto – o Senhor é o Senhor das surpresas, dos milagres nas surpresas: entrar na barca da nossa vida quando nada temos para lhe oferecer; entrar nos nossos vazios e enchê-los com a sua presença; servir-se da nossa pobreza para proclamar a sua riqueza, das nossas misérias para proclamar a sua misericórdia. Lembremo-nos disto: Deus não quer um navio de cruzeiro, uma pobre barca “escangalhada” é suficiente para ele, desde que o acolhamos. Isto sim, acolhê-lo; não importa em que barca, acolhê-lo. Mas nós – pergunto-me – deixamos que ele entre na barca da nossa vida? Será que lhe pomos à disposição o pouco que temos? Por vezes sentimo-nos indignos d’Ele, porque somos pecadores. Mas esta é uma desculpa de que o Senhor não gosta, porque O afasta de nós! Ele é o Deus da proximidade, da compaixão, da ternura, e não procura o perfeccionismo: procura acolhimento. Também a ti diz: “Deixa-me entrar na barca da tua vida” – “Mas, Senhor, olha...” – “Assim, deixa-me entrar, tal como é”. Pensemos nisto.

Deste modo o Senhor reconstrói a confiança de Pedro. Tendo entrado na sua barca, depois de ter pregado, diz-lhe: «Faz-te ao largo» (v. 4). Não era um momento adequado para pescar, em plena luz do dia, mas Pedro confia em Jesus. Ele não se baseia nas estratégias dos pescadores, que conhecia bem, mas na novidade de Jesus. Naquela admiração que o levava a fazer o que Jesus lhe dizia. É assim também para nós: se acolhermos o Senhor na nossa barca, podemos fazer-nos ao largo. Com Jesus, navegamos no mar da vida sem temor, sem ceder à desilusão quando não pescamos nada, e sem ceder ao “não há mais nada a fazer”. Sempre, tanto na vida pessoal como na vida da Igreja e da sociedade, há algo de belo e corajoso que pode ser feito, sempre. Podemos recomeçar sempre, o Senhor convida-nos a pôr-nos sempre em questão porque Ele abre novas possibilidades. Aceitemos então o convite: afastemos o pessimismo e a desconfiança e façamo-nos ao largo com Jesus! Também a nossa pequena barca vazia testemunhará uma pesca milagrosa.

Oremos a Maria, que como ninguém acolheu o Senhor na barca da vida: que ela nos encoraje e interceda por nós.

\*\*\*

**Domingo, 13 de fevereiro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

No centro do Evangelho da Liturgia de hoje estão as Bem-aventuranças (cf. *Lc* 6, 20-23). É interessante notar que Jesus, apesar de estar rodeado por uma grande multidão, proclama-as dirigindo-se «aos seus discípulos» (v. 20). Fala aos discípulos. Com efeito, as Bem-aventuranças definem a identidade do discípulo de Jesus. Podem parecer estranhas, quase incompreensíveis para aqueles que não são discípulos, mas se nos perguntarmos como é um discípulo de Jesus, a resposta é precisamente as Bem-aventuranças. Vejamos a primeira, que é a base de todas as outras: «Bem-aventurados vós que sois pobres, porque vosso é o Reino de Deus!» (v. 20). *Bem-aventurados vós, pobres*. Jesus diz duas coisas sobre os seus:

que são bem-aventurados e que são pobres; aliás, que são bem-aventurados porque são pobres.

Em que sentido? No sentido em que o discípulo de Jesus não encontra a sua alegria no dinheiro, no poder nem sequer noutros bens materiais, mas nos dons que recebe todos os dias de Deus: vida, criação, irmãos e irmãs, e assim por diante. São dádivas da vida. Também os bens que possui, é feliz de os partilhar, porque vive na lógica de Deus. E qual é a lógica de Deus? A gratuidade. O discípulo aprendeu a viver na gratuidade. Esta pobreza é também uma atitude em relação ao sentido da vida, porque o discípulo de Jesus não pensa que a possui, que já sabe tudo, mas sabe que deve aprender todos os dias. E esta é a pobreza: a consciência de ter de aprender todos os dias. O discípulo de Jesus, dado que assume esta atitude, é uma pessoa humilde, aberta, livre dos preconceitos e da rigidez.

Houve um belo exemplo no Evangelho do domingo passado: Simão Pedro, pescador experiente, aceita o convite de Jesus para lançar as suas redes a uma hora insólita; e depois, cheio de admiração com a pesca prodigiosa, deixa o barco e todos os seus bens para seguir o Senhor. Pedro revela-se dócil ao deixar tudo, tornando-se assim um discípulo. Por outro lado, aqueles que estão demasiado apegados às próprias ideias e certezas, quase nunca seguem realmente Jesus. Eles seguem-no um pouco, apenas naquilo em que “concordam com Ele é que Ele concorda comigo”, mas depois, quanto ao resto, não está bem. Este não é um discípulo. E assim cai na tristeza. Fica triste porque não é exatamente como ele quer, a realidade escapa aos seus esquemas mentais e fica insatisfeito. O discípulo, por outro lado, sabe como questionar-se, como procurar humildemente Deus todos os dias, e isto permite-lhe mergulhar na realidade, apreendendo a sua riqueza e complexidade.

Por outras palavras, o discípulo aceita o *paradoxo das Bem-aventuranças*: elas declaram que são bem-aventurados, isto é, felizes, aqueles que são pobres, que carecem de muitas coisas e reconhecem-no. Humanamente, somos levados a pensar de outra forma: é feliz quem é rico, quem está cheio de bens, quem recebe aplausos e é invejado por muitos, aquele que tem toda a segurança. Mas isto é pensamento mundano, não é o

pensamento das Bem-aventuranças! Jesus, pelo contrário, declara o sucesso mundano como um fracasso, porque se baseia num egoísmo que enche e depois deixa o coração vazio. Confrontado com o paradoxo das Bem-aventuranças, o discípulo deixa-se desafiar, consciente de que não é Deus que deve entrar na nossa lógica, mas nós na Sua. Isto requer um caminho, por vezes cansativo, mas sempre acompanhado de alegria. Porque o discípulo de Jesus é alegre com a alegria que lhe vem de Jesus. Pois, lembremo-nos, a primeira palavra que Jesus diz é: bem-aventurados; isto deu origem às Bem-aventuranças. Este é o sinónimo de ser um discípulo de Jesus. O Senhor, ao libertar-nos da escravidão do egocentrismo, liberta os nossos fechamentos, dissolve a nossa dureza, e abre-nos à verdadeira felicidade, que muitas vezes se encontra onde não pensamos. É Ele quem guia as nossas vidas, não nós, com os nossos preconceitos ou as nossas necessidades. Por fim, o discípulo é aquele que se deixa guiar por Jesus, que abre o coração a Jesus, que o ouve e segue o seu caminho.

Podemos então perguntar-nos: eu – cada um de nós – tenho a disponibilidade do discípulo? Ou comporto-me com a rigidez de alguém que se sente no lugar certo, que se sente bem, que sente que já alcançou o que queria? Será que me deixo “escavar dentro” pelo paradoxo das Bem-aventuranças, ou permaneço no perímetro das minhas ideias? E então, com a lógica das Bem-aventuranças, para além dos trabalhos e dificuldades, será que sinto a alegria de seguir Jesus? Esta é a característica saliente do discípulo: a alegria do coração. Não esqueçamos: a alegria do coração. Esta é a referência para saber se uma pessoa é discípula: tem alegria no coração? Tenho alegria no coração? Este é o ponto.

Que Nossa Senhora, primeira discípula do Senhor, nos ajude a viver como discípulos abertos e alegres.

\*\*\*

**Domingo, 20 de fevereiro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

No Evangelho da Liturgia de hoje, Jesus dá aos discípulos algumas indicações fundamentais para a vida. O Senhor refere-se às situações mais difíceis, aquelas que constituem um teste para nós, aquelas que nos põem diante de quem nos é inimigo e hostil, de quem procura sempre fazer-nos mal. Nestes casos, o discípulo de Jesus é chamado a não ceder ao instinto e ao ódio, mas a ir além, muito além. Ir além do instinto, ir além do ódio. Jesus diz: «Amai os vossos inimigos, fazei bem àqueles que vos odeiam» (Lc 6, 27). E ainda mais concretamente: «Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra» (v. 29). Quando ouvimos isto, parece-nos que o Senhor pode o impossível. E depois, por que amar os inimigos? Se não se reagir aos prepotentes, qualquer abuso tem livre trânsito, e isso não é correto. Mas será mesmo assim? Será que o Senhor nos pede realmente coisas que são *impossíveis*, e aliás *injustas*? É assim?

Consideremos antes de mais o sentimento de *injustiça* que percebemos ao “oferecer a outra face”. E pensemos em Jesus. Durante a sua paixão, no seu injusto julgamento perante o sumo sacerdote, a um certo ponto recebe uma bofetada de um dos guardas. E como se comporta Ele? Não o insulta, não, diz ao guarda: «Se falei mal, prova-o. Mas se falei bem, por que me bates?» (Jo 18, 23). Pergunta o motivo sobre o mal recebido. Oferecer a outra face não significa sofrer em silêncio, ceder à injustiça. Com a sua pergunta Jesus denuncia o que é injusto. Fá-lo sem raiva nem violência, mas com *gentileza*. Ele não quer desencadear uma discussão, mas *desanuviar o rancor*, isto é importante: extinguir o ódio e ao mesmo tempo a injustiça, procurando recuperar o irmão culpado. Isto não é fácil, mas Jesus fê-lo e diz-nos para o fazer também nós. Isto significa oferecer a outra face: a mansidão de Jesus é uma resposta mais forte do que a bofetada que recebeu. Oferecer a outra face não é o recuo do perdedor, mas a ação de quem tem mais força interior. Oferecer a outra face é vencer o mal com o bem, abrindo uma brecha no coração do inimigo, desmascarando o absurdo do seu ódio. E esta atitude, oferecer a outra face, não é ditada pelo cálculo nem pelo ódio, mas pelo amor. Estimados irmãos e irmãs, é o amor gratuito e imerecido que recebemos de Jesus, que gera no coração um modo de agir semelhante ao seu, que rejeita qualquer vingança. Estamos habituados às vinganças: “Fizeste-me isto, far-te-ei aquilo”, ou a guardar ressentimentos no coração, um rancor que fere e destrói a pessoa.

Passemos à outra objeção: é *possível* que uma pessoa consiga amar os próprios inimigos? Se dependesse apenas de nós, seria impossível. Mas lembremo-nos que quando o Senhor pede algo, Ele quer oferecê-lo. O Senhor nunca nos pede algo que não nos dê primeiro. Quando Ele me diz para amar os inimigos, quer dar-me a capacidade de o fazer. Sem esta capacidade não conseguiríamos, mas Ele diz-nos “amai o inimigo” e dá-nos a capacidade de amar. Santo Agostinho rezava assim – escutai que bela oração – Senhor, «dai-me o que me pedis e pedi-me o que quereis» (*Confissões*, X, 29.40), porque mo destes primeiro. O que lhe podemos pedir? O que apraz a Deus oferecer-nos? A força de amar, que não é algo, mas é o Espírito Santo. A força de amar é o Espírito Santo, e com o Espírito de Jesus podemos responder ao mal com o bem, podemos amar quem nos fere. Assim fazem os cristãos. Como é triste quando pessoas e povos orgulhosos por ser cristãos veem os outros como inimigos e pensam em fazer guerra! É muito triste!

E quanto a nós, procuramos viver as exortações de Jesus? Pensemos numa pessoa que nos feriu. Cada um pense numa pessoa. É comum que tenhamos sido feridos por alguém, por isso pensemos nessa pessoa. Talvez haja um ressentimento dentro de nós. Portanto, coloquemos este ressentimento ao lado da imagem de Jesus, manso, durante o julgamento, após a bofetada. E depois peçamos ao Espírito Santo que aja no nosso coração. Por fim, oremos por aquela pessoa: oremos por aqueles que nos feriram (cf. *Lc* 6, 28). Quando alguém nos faz algum mal, vamos imediatamente contar aos outros e sentimo-nos vítimas. Paremos e oremos ao Senhor por aquela pessoa, para que Ele a ajude, e então este sentimento de rancor será dissipado. Rezar por quem nos feriu é o primeiro passo para transformar o mal em bem. A oração! Que a Virgem Maria nos ajude a ser pacificadores para com todos, especialmente para com quem nos é hostil e de quem não gostamos.

\*\*\*

**Domingo, 27 de fevereiro de 2022**

*Prezados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia deste domingo narra a chamada parábola do filho pródigo (cf. *Lc* 15, 11-32). Ela leva-nos ao coração de Deus, que perdoa sempre com compaixão e ternura, sempre! Deus perdoa sempre; somos nós que nos cansamos de pedir perdão, mas Ele perdoa sempre. Diz-nos que Deus é Pai, que não só volta a receber, mas também se alegra e faz festa pelo seu filho, que voltou para casa depois de ter esbanjado todos os bens. Nós somos esse filho, e comove pensar como o Pai nos ama sempre e espera por nós.

Mas na mesma parábola há também o filho mais velho, que entra em crise diante deste Pai. E que nos pode colocar em crise também a nós. Com efeito, dentro de nós há também este filho mais velho e, pelo menos em parte, somos tentados a concordar com ele: sempre cumpriu o seu dever, não saiu de casa, por isso indigna-se ao ver o Pai abraçar de novo o seu irmão que se tinha comportado mal. Protesta, dizendo: «Sirvo-te há tantos anos, sem nunca transgredir as tuas ordens», mas por «este teu filho» até festejas! (vv. 29-30). “Não te compreendo”. Eis a indignação do filho mais velho.

O problema do filho mais velho sobressai destas palavras. Na relação com o Pai, ele baseia tudo sobre a pura observância das ordens, no sentido do dever. Pode ser também o nosso problema, o nosso problema, entre nós e com Deus: perder de vista que Ele é Pai e viver uma religião distante, feita de proibições e deveres. E a consequência desta distância é a rigidez em relação ao próximo, que já não se vê a si próprio como irmão. Com efeito, na parábola o filho mais velho não diz ao Pai *meu irmão*, não, diz o *teu filho*, como se dissesse: não é meu irmão. E no final ele mesmo corre o risco de ficar fora de casa. Sim - diz o texto - «não queria entrar» (v. 28). Porque lá estava o outro.

Vendo isto, o Pai sai para lhe suplicar: «Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu» (v. 31). Procura fazê-lo compreender que para ele cada filho é toda a sua vida. Sabem-no bem os pais, que se aproximam muito do sentimento de Deus. É bonito o que um pai diz num romance: «Quando me tornei pai, compreendi Deus» (H. de Balzac, *O pai Goriot*, Milão 2004, 112). Neste ponto da parábola, o Pai abre o coração ao filho



mais velho, manifestando-lhe duas necessidades, que não são ordens, mas necessidades do coração: «Era necessário fazer festa e alegrar-se, pois este teu irmão estava morto e reviveu» (v. 32). Vejamos se também nós temos no coração as duas necessidades do Pai: *festejar e alegrar-se*.

Em primeiro lugar, *festejar*, ou seja, manifestar a nossa proximidade a quem se arrepende ou está a caminho, a quem está em crise ou distante. Por que devemos agir assim? Porque isto ajudará a superar o medo e o desânimo que podem advir da recordação dos próprios pecados. Quem errou, sente-se muitas vezes censurado pelo próprio coração; distância, indiferença e palavras duras não ajudam. Portanto, segundo o Pai, é preciso oferecer-lhe um acolhimento caloroso, que encoraje a continuar. “Mas pai, ele cometeu muitos erros!”: acolhimento caloroso. Quanto a nós, agimos assim? Procuramos quem está distante, será que desejamos festejar com ele? Quanto bem pode fazer um coração aberto, uma escuta verdadeira, um sorriso transparente; festejar, não fazer sentir-se constrangido! O pai podia dizer: muito bem, filho, volta para casa, volta para o trabalho, volta para o teu quarto, instala-te e vai trabalhar! E isso teria sido um bom perdão. Mas não! Deus não sabe perdoar sem festejar! E o pai festeja, alegra-se porque o filho regressou.

E depois, de acordo com o Pai, é preciso *alegrar-se*. Quem tem um coração sintonizado com Deus, quando vê o arrependimento de uma pessoa, por mais graves que tenham sido os seus erros, alegra-se. Não fica parado nos erros, não aponta o dedo contra o mal, mas alegra-se com o bem, pois o bem do outro é também meu! Quanto a nós, sabemos ver os outros assim?

Permito-me contar-vos uma história, fictícia, mas que mostra o coração do pai. Há três ou quatro anos houve uma ópera pop sobre o tema do filho pródigo, com toda a história. E no final, quando aquele filho decide voltar para a casa do pai, confronta-se com um amigo e diz: “Sabes, tenho medo que o meu pai me rejeite, que ele não me perdoe”. E o amigo aconselha-o: “Envia uma cartinha ao teu pai e diz: ‘Pai, arrependi-me, quero voltar para casa, mas não tenho a certeza se serás feliz. Se quiseres receber-me, por favor põe um lenço branco na janela’. E depois começou a percorrer o caminho. E quando estava perto de casa, na última curva da estrada, a casa

estava à sua frente. E o que viu? Não um lenço: estava cheio de lenços brancos, nas janelas, tudo! É assim que o Pai nos recebe, com plenitude, com alegria. Este é o nosso Pai!

Será que sabemos alegrar-nos pelos outros? Que a Virgem Maria nos ensine a acolher a misericórdia de Deus, para que se torne a luz na qual olhar para o nosso próximo.

\*\*\*

Segunda-feira do Anjo, 18 de abril de 2022

*Prezados irmãos e irmãs, bom dia!*

Os dias da Oitava da Páscoa são como um único dia em que a alegria da Ressurreição se prolonga. Assim, o Evangelho da Liturgia de hoje continua a falar-nos do Ressuscitado, da sua aparição às mulheres que tinham ido ao sepulcro (cf. *Mt* 28, 8-15). Jesus vai ao encontro delas, saúda-as; depois diz-lhes duas coisas, que também para nós será bom ouvir como dom de Páscoa. São dois conselhos do Senhor, um dom pascal!

Primeiro, tranquiliza-as com duas simples palavras: «Não temais!» (v. 10). Não tendes medo! O Senhor sabe que os receios são os nossos inimigos diários. Sabe também que os nossos temores nascem do grande medo, do medo da morte: medo de esvaecer, de perder os entes queridos, de adoecer, de não aguentar mais... Mas na Páscoa Jesus venceu a morte. Portanto, ninguém nos pode dizer de modo mais convincente: «Não temais!», «Não tendes medo!». O Senhor di-lo ali, ao lado do sepulcro do qual saiu vitorioso. Assim, convida-nos a sair dos túmulos dos nossos medos. Ouçamos bem: «sair dos túmulos dos nossos medos, porque os nossos temores são como túmulos, enterram-nos lá dentro. Ele sabe que o medo está sempre à espreita diante da porta do nosso coração e que temos necessidade de ouvir repetir: *não temas, não tenhas medo, não temas*: na manhã da Páscoa, como na manhã de cada dia, ouvir: “Não tenhas medo!”. Tem coragem! Irmão, irmã que acreditas em Cristo, não tenhas medo! “Eu”, diz-te Jesus, “experimentei a morte por ti, assumi sobre mim o teu mal”.

Agora ressuscitei para te dizer: estou aqui, contigo, para sempre. Não temas!”. Não tenhais medo!

Mas como fazer, podemos dizer, para combater o medo? Ajuda-nos a segunda coisa que Jesus diz às mulheres: «Ide dizer aos meus irmãos que vão à Galileia, pois é lá que me verão» (v. 10). *Ide e anunciai!* O medo fecha-nos sempre em nós próprios; fecha-nos em nós mesmos. Por outro lado, Jesus faz-nos sair e envia-nos ao encontro dos outros. Eis o remédio. Mas eu - podemos dizer - não sou capaz! Mas pensai, certamente aquelas mulheres não eram as mais adequadas ou preparadas para anunciar o Ressuscitado, mas o Senhor não se preocupa. Ele quer que se saia e que se anuncie. Sair e anunciar. Sair e anunciar. Porque não devemos guardar para nós a alegria pascal. A alegria de Cristo é fortalecida com a sua doação, multiplicada com a sua partilha. Se nos abirmos e levamos o Evangelho, o nosso coração dilata-se e supera o medo. Este é o segredo: anunciar para vencer o medo.

O texto de hoje diz-nos que a proclamação pode encontrar um obstáculo: *a falsidade*. Na verdade, o Evangelho fala de “contra-anúncio”. Qual? O dos soldados que tinham guardado o sepulcro de Jesus. São pagos - diz o Evangelho - «com uma importante soma de dinheiro» (v. 12), com um bom suborno, e recebem estas instruções: «Direis que os seus discípulos vieram tirá-lo à noite, enquanto dormíeis» (v. 13). Dormíeis? Vistes como eles roubaram o corpo durante o sono? Há aí uma contradição, mas uma contradição em que todos acreditam, porque pelo meio há o dinheiro. É o poder do dinheiro, aquele outro senhor que Jesus diz que nunca devemos servir. Há dois senhores: Deus e o dinheiro. Nunca servir o dinheiro! Isto é falsidade, a lógica do engano, que se opõe à proclamação da verdade. É um lembrete também para nós: a falsidade, nas palavras e na vida, polui a proclamação, corrompe no seu interior, reconduz ao túmulo. As falsidades levam-nos para trás, levam-nos diretamente para a morte, para o túmulo. O Ressuscitado, por outro lado, quer tirar-nos dos túmulos de das falsidades e das dependências. Diante do Senhor Ressuscitado, existe este outro “deus”: o deus dinheiro, que suja tudo, arruína tudo, fecha as portas à salvação. E isto está em todo o lado: na vida quotidiana há a tentação de adorar este deus dinheiro.

Caros irmãos e irmãs, sentimo-nos justamente escandalizados quando, através da informação, descobrimos mentiras e enganos na vida das pessoas e na sociedade. Mas demos também um nome à falsidade que existe dentro de nós! E coloquemos a nossa opacidade, as nossas falsidades, perante a luz de Jesus ressuscitado. Ele quer trazer à luz as coisas escondidas, para nos tornar testemunhas transparentes e luminosas da alegria do Evangelho, da verdade que nos liberta (cf. *Jo 8, 32*).

Que Maria, a Mãe do Ressuscitado, nos ajude a superar os nossos medos e nos conceda a paixão pela verdade.

\*\*\*

**II Domingo de Páscoa - Domingo da Divina Misericórdia, 24 de abril de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

Hoje, último dia da Oitava de Páscoa, o Evangelho narra sobre a primeira e a segunda aparição do Senhor Ressuscitado aos discípulos. Jesus vem na Páscoa, enquanto os Apóstolos estão fechados no Cenáculo, por medo, mas como Tomé, um dos Doze, não está presente, regressa oito dias depois (cf. *Jo 20, 19-29*). Concentremo-nos nos dois protagonistas, Tomé e Jesus, olhando primeiro para o discípulo e depois para o Mestre. E entre eles surge um lindo diálogo.

O apóstolo Tomé, sobretudo. Ele representa todos nós, que não estávamos presentes no Cenáculo quando o Senhor apareceu e não tivemos outros sinais físicos nem aparições d'Ele. Também nós, como aquele discípulo, por vezes temos dificuldade: como podemos acreditar que Jesus ressuscitou, que nos acompanha e é Senhor da nossa vida sem o termos visto, sem o termos tocado? Como podemos acreditar nisto? Por que o Senhor não nos dá um sinal mais evidente da sua presença e do seu amor? Algum sinal que eu possa ver melhor... Bem, nós também somos como Tomé, com as mesmas dúvidas, o mesmo raciocínio.

Mas não devemos ter vergonha disto. Ao contar-nos a história de Tomé, de facto, o Evangelho diz-nos que o Senhor não procura cristãos perfeitos.

O Senhor não procura cristãos perfeitos. Digo-vos: receio quando vejo alguns cristãos, alguma associação de cristãos que pensam que são perfeitos. O Senhor não procura cristãos perfeitos; o Senhor não procura cristãos que nunca duvidam e sempre ostentam uma fé segura. Quando um cristão é assim, há algo errado. Não, a aventura da fé, como para Tomé, é feita de luzes e sombras. Se não, que tipo de fé seria? Ela conhece tempos de consolação, ímpeto e entusiasmo, mas também de cansaço, desorientação, dúvida e escuridão. O Evangelho mostra-nos a “crise” de Tomé para nos dizer que não devemos temer as crises da vida e da fé. As crises não são um pecado, são um caminho, não devemos receá-las. Muitas vezes tornam-nos humildes, porque nos despojam da ideia de estarmos certos, de sermos melhores do que os outros. As crises ajudam-nos a reconhecer que estamos em necessidade: despertam a nossa necessidade de Deus e permitem-nos assim regressar ao Senhor, tocar as suas feridas, experimentar novamente o seu amor, como fizemos na primeira vez. Estimados irmãos e irmãs, é melhor ter uma fé imperfeita, mas humilde, sempre orientada para Jesus, do que uma fé forte, mas presunçosa, que nos torna orgulhosos e arrogantes. Ai destes, ai!

E perante a ausência e o caminho de Tomé, que muitas vezes também é nosso, qual é a atitude de Jesus? O Evangelho diz duas vezes que ele «veio» (vv. 19.26). Uma primeira vez, depois uma segunda vez, oito dias mais tarde. Jesus não desiste, não se cansa de nós, não tem medo das nossas crises, das nossas fraquezas. Ele volta sempre: quando as portas estão fechadas, ele volta; quando duvidamos, ele volta; quando, como Tomé, precisamos de o encontrar e tocá-lo mais de perto, ele volta. Jesus volta sempre, bate sempre à porta, e não volta com sinais poderosos que nos fariam sentir pequenos e inadequados, até envergonhados, mas com as suas feridas; ele volta mostrando-nos as suas chagas, sinais do seu amor que abraçou *as nossas fragilidades*.

Irmãos e irmãs, especialmente quando experimentamos cansaço ou momentos de crise, Jesus, o Ressuscitado, deseja regressar para estar connosco. Ele espera unicamente que o procuremos, que o invoquemos, até mesmo que protestemos, como Tomé, mostrando-lhe as nossas necessidades e a nossa incredulidade. Ele regressa sempre. Porquê? Porque é paciente e

misericordioso. Ele vem para abrir os cenáculos dos nossos medos e das nossas incredulidades, pois quer sempre dar-nos outra oportunidade. Jesus é o Senhor das “outras oportunidades”: Ele dá-nos sempre mais uma, sempre. Pensemos então na última vez – lembremo-nos – quando, durante um momento difícil, ou um período de crise, nos fechamos em nós próprios, barricando-nos nos nossos problemas e deixando Jesus fora de casa. E prometemos, na próxima vez, no nosso cansaço, procurar Jesus, voltar para Ele, para o Seu perdão – Ele perdoa sempre, sempre! – voltemos para as feridas que nos curaram. Desta forma, tornar-nos-emos também capazes de compaixão, de nos aproximar das feridas dos outros sem rigidez nem preconceitos.

Que Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia – gosto de pensar nela como Mãe da Misericórdia na segunda-feira depois do Domingo da Misericórdia – nos acompanhe no caminho da fé e do amor.

\*\*\*

**Domingo, 1º de maio de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom domingo!*

O Evangelho da Liturgia hodierna (*Jo* 21, 1-19) narra a terceira aparição de Jesus Ressuscitado aos Apóstolos. É um encontro que tem lugar no lago da Galileia e diz respeito sobretudo a Simão Pedro. Tudo começa com ele que diz aos outros discípulos: «Vou pescar» (v. 3). Nada de estranho, era pescador, mas tinha abandonado aquela profissão desde quando, precisamente nas margens do lago, tinha deixado as redes para seguir Jesus. E agora, enquanto o Ressuscitado se faz esperar, Pedro, talvez um pouco desanimado, propõe aos outros o regresso à vida anterior. E os outros aceitam: «Também nós vamos contigo». Mas, «Naquela noite nada apanharam» (v. 3).

Também nos pode acontecer, por cansaço, desilusão, talvez por preguiça, de esquecer o Senhor e negligenciar as grandes escolhas que fizemos, contentarmo-nos com qualquer outra coisa. Por exemplo, não

dedicamos tempo a falar uns com os outros em família, preferindo passatempos pessoais; esquecemos a oração, deixando-nos levar pelas próprias necessidades; negligenciamos a caridade, com a desculpa das urgências diárias. Mas, fazendo assim, ficamos desapontados: foi precisamente a decepção que sentiu Pedro, com as redes vazias, como ele. É uma estrada que te leva para trás e não te satisfaz.

E o que faz Jesus com Pedro? Volta novamente para a margem do lago onde tinha escolhido Pedro, André, Tiago e João, os quatro. Ele não repreende – Jesus não repreende, toca o coração, sempre – mas chama ternamente os discípulos: «Amigos» (v. 5). Depois convida-os, como antes, a lançarem de novo as redes, com coragem. E mais uma vez as redes se enchem até transbordar. Irmãos e irmãs, quando as nossas redes estão vazias na vida, não é o momento de sentir pena de nós mesmos, de nos divertirmos, de regressar aos velhos passatempos. É tempo de recomeçar com Jesus, é tempo de encontrar a coragem para recomeçar, é tempo de se fazer ao largo com Jesus. Três verbos: repartir, recomeçar, fazer-se ao largo. Sempre, perante uma desilusão, ou uma vida que perdeu um pouco o sentido – “hoje sinto que voltei atrás...” – parte de novo com Jesus, recomeça, faz-te ao largo! Ele está à tua espera. E pensa apenas em ti, em mim, em cada um de nós.

Pedro precisava daquele “choque”. Quando ouve João clamar: «É o Senhor!» (v. 7), mergulha imediatamente na água e vai em direção a Jesus. É um gesto de amor, porque o amor vai além do útil, do conveniente e do devido; o amor gera espanto, inspira impulsos criativos e gratuitos. Assim, enquanto João, o mais novo, reconhece o Senhor, é Pedro, o mais velho, que se lança para ir ao seu encontro. Naquele mergulho há todo o entusiasmo recém-descoberto de Simão Pedro.

Prezados irmãos e irmãs, hoje Cristo Ressuscitado convida-nos a um novo impulso, todos nós, cada um de nós, convida-nos a mergulhar no bem sem medo de perder algo, sem calcular demasiado, sem esperar que outros comecem. Porquê? Não esperar os outros, porque para conhecer Jesus é preciso arriscar. É preciso arriscar com coragem, e recomeçar, e recomeçar arriscando, correr riscos. Perguntemo-nos: sou capaz de algum ímpeto de

generosidade, ou impeço os impulsos do coração e fecho-me no hábito, ou no medo? Lançar-se, mergulhar. Esta é a palavra de Jesus hoje.

Então, no final deste episódio, Jesus dirige a Pedro, três vezes, a pergunta: «Amas-me?» (vv. 15.16). O Ressuscitado pergunta hoje também a nós: *Amas-me?* Porque na Páscoa Jesus quer que o nosso coração ressuscite; porque a fé não é uma questão de conhecimento, mas de amor. *Amas-me?* pergunta Jesus a ti, a mim, a todos nós, que temos as redes vazias e muitas vezes temos medo de recomeçar; a ti, a mim, a todos nós, que não temos coragem de mergulhar e talvez tenhamos perdido o impulso. *Amas-me?* pergunta Jesus. A partir de então, Pedro deixou de pescar para sempre e dedicou-se ao serviço de Deus e dos irmãos, a ponto de dar a vida aqui, onde nos encontramos agora. E nós, queremos amar Jesus?

Que Nossa Senhora, que prontamente disse “sim” ao Senhor, nos ajude a redescobrir o impulso do bem.

\*\*\*

**Domingo, 8 de maio de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia de hoje fala-nos do vínculo entre o Senhor e cada um de nós (cf. *Jo* 10, 27-30). Para o fazer, Jesus utiliza uma imagem terna, uma bela imagem, a do pastor que está com as ovelhas. E explica-a com três verbos: «As minhas ovelhas – diz Jesus – ouvem a minha voz, eu conheço-as, e elas seguem-me» (v. 27). Três verbos: ouvir, conhecer, seguir. Vejamos estes três verbos.

Em primeiro lugar, as ovelhas ouvem a voz do pastor. A iniciativa vem sempre do Senhor; tudo tem início na sua graça: é Ele que nos chama à comunhão com Ele. Mas esta comunhão acontece se nos abirmos à escuta; se continuarmos surdos, ele não nos pode dar esta comunhão. Abrirmo-nos à escuta pois escutar significa disponibilidade, significa docilidade, significa tempo dedicado ao diálogo. Hoje estamos esmagados pelas palavras e pela pressa de ter sempre de dizer e fazer alguma coisa, de facto



quantas vezes duas pessoas conversam e uma não espera que a outra termine o seu pensamento, corta-o a meio caminho, responde... Mas se não a deixamos falar, não há escuta. Este é um mal do nosso tempo. Hoje somos esmagados por palavras, pela pressa de ter sempre de dizer alguma coisa, temos medo do silêncio. Como é difícil ouvir! Ouvir até ao fim, deixar que o outro se exprima, ouvir-nos em família, na escola, no trabalho, e até na Igreja! Mas para o Senhor, antes de mais, é preciso ouvir. Ele é a Palavra do Pai e o cristão é *filho da escuta*, chamado a viver com a Palavra de Deus ao nosso alcance. Perguntemo-nos hoje se somos filhos da escuta, se encontramos tempo para a Palavra de Deus, se damos espaço e atenção aos irmãos e irmãs. Saber ouvir a outra pessoa expressar-se até ao fim, sem interromper o seu discurso. Quem ouve os outros também sabe ouvir o Senhor, e vice-versa. E experimenta algo muito bom, isto é, que o próprio Senhor nos ouve: ouve-nos quando rezamos, quando nos confidenciamos com Ele, quando o invocamos.

Ouvir Jesus torna-se assim a forma de descobrir que Ele nos conhece. Eis o segundo verbo, que diz respeito ao bom pastor: Ele conhece as suas ovelhas. Mas isto não significa apenas que sabe muitas coisas sobre nós: conhecer no sentido bíblico significa também amar. Significa que o Senhor, enquanto “nos lê dentro”, nos ama, não nos condena. Se o ouvirmos, descobrimos isto, que o Senhor nos ama. A maneira de descobrir o amor do Senhor é ouvi-lo. Então a relação com Ele já não será impessoal, fria ou aparente. Jesus procura uma amizade calorosa, uma confiança, uma intimidade. Ele quer doar-nos um novo e maravilhoso conhecimento: saber que somos sempre amados por Ele e, por conseguinte, nunca deixados sozinhos. Estando com o bom pastor, experimentamos o que diz o Salmo: «Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, *pois tu estás comigo*» (Sl 23, 4). Sobretudo nos sofrimentos, nas dificuldades, nas crises que são trevas: Ele sustenta-nos, vivendo-as connosco. E assim, precisamente em situações difíceis, podemos descobrir que somos conhecidos e amados pelo Senhor. Então perguntemo-nos: deixo-me conhecer pelo Senhor? Dou-lhe espaço na minha vida, confidencio-lhe o que vivo? E, depois das tantas vezes em que experimentei a sua proximidade, a sua compaixão, a sua ternura, que ideia tenho do Senhor? O Senhor está próximo, o Senhor é bom pastor.

Por fim, o terceiro verbo: as ovelhas que ouvem e se descobrem conhecidas seguem: ouvem, sentem-se conhecidas pelo Senhor e seguem o Senhor, que é o seu pastor. E quem segue Cristo, o que faz? Vai para onde Ele vai, na mesma estrada, na mesma direção. Vai em busca de quem se perdeu (cf. *Lc 15, 4*), interessa-se por aqueles que estão longe, preocupa-se com a situação de quantos sofrem, sabe chorar com aqueles que choram, estende a mão ao próximo, leva-o sobre os ombros. E eu? Deixo-me amar por Jesus e pelo deixar-me amar, ou começo a amá-lo e imitá-lo? Que a Santíssima Virgem nos ajude a ouvir Cristo, a conhecê-lo cada vez mais e a segui-lo no caminho do serviço. Ouvir, conhecê-lo e segui-lo.

\*\*\*

**Domingo, 22 de maio de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom domingo!*

No Evangelho da Liturgia de hoje, despedindo-se dos seus discípulos na Última Ceia, Jesus diz, quase como uma espécie de testamento: «Deixo-vos a paz». E imediatamente acrescenta: «Dou-vos a minha paz» (*Jo 14,27*). Reflitamos sobre estas breves frases.

Antes de tudo, *deixo-vos a paz*. Jesus despede-se com palavras que exprimem afeto e serenidade, mas fá-lo num momento em que nada é sereno. Judas sai para o trair, Pedro está prestes a negá-lo, e quase todos prontos para o abandonar: o Senhor sabe disso, mas não repreende, não usa palavras severas, não faz discursos ásperos. Em vez de mostrar agitação, permanece gentil até ao fim. Um provérbio diz que se morre como se viveu. As últimas horas de Jesus são na realidade como a essência de toda a sua vida. Ele sente medo e dor, mas não dá espaço a ressentimentos ou protestos. Não se deixa amargurar, não desabafa, não é impaciente. Ele está em paz, uma paz que vem do seu coração manso, habitado pela confiança. E disto flui a paz que Jesus nos deixa. Pois não se pode deixar a paz aos outros se não a tivermos em nós mesmos. Não podemos dar a paz se não *estivermos* em paz.

*Deixo-vos a paz:* Jesus mostra que a mansidão é possível. Ele encarnou-a precisamente no momento mais difícil; e quer que nos comportemos assim também, que sejamos herdeiros da sua paz. Ele quer que sejamos mansos, abertos, dispostos a ouvir, capazes de desativar as controvérsias e de tecer concórdia. Isto é testemunhar Jesus e vale mais do que mil palavras e muitos sermões. O testemunho da paz. Perguntemo-nos se, nos lugares onde vivemos, nós, discípulos de Jesus, nos comportamos assim: aliviámos as tensões, extinguimos os conflitos? Estamos também em atrito com alguém, sempre prontos a reagir, a explodir, ou sabemos como responder com a não-violência, sabemos como responder com palavras e gestos de paz? Como devo reagir? Que todos se perguntem isto.

Claro que esta mansidão não é fácil: como é difícil, a todos os níveis, interromper os conflitos! Aqui a segunda frase de Jesus vem em nosso auxílio: *dou-vos a minha paz*. Jesus sabe que sozinhos não somos capazes de preservar a paz, que precisamos de ajuda, um dom. A paz, que é o nosso compromisso, é, antes de mais, um dom de Deus. Com efeito Jesus diz: «Dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá» (v. 27). Que paz é esta que o mundo não conhece e que o Senhor nos dá? Esta paz é o Espírito Santo, o mesmo Espírito de Jesus. É a presença de Deus em nós, é a “força de paz” de Deus. É Ele, o Espírito Santo, que desarma o coração e o enche de serenidade. É Ele, o Espírito Santo, que desfaz a rigidez e extingue as tentações de atacar os outros. É Ele, o Espírito Santo, que nos lembra que há irmãos e irmãs ao nosso lado, não obstáculos e adversários. É Ele, o Espírito Santo, que nos dá a força para perdoar, para recomeçar, para iniciar de novo, porque com as nossas forças não podemos. E é com Ele, com o Espírito Santo, que nos tornamos homens e mulheres de paz.

Prezados irmãos e irmãs, nenhum pecado, nenhum fracasso, nenhum rancor deve desencorajar-nos de pedir insistentemente o dom do Espírito Santo que nos dá a paz. Quanto mais sentimos que o nosso coração está agitado, quanto mais sentimos nervosismo, impaciência, raiva dentro de nós, tanto mais devemos pedir ao Senhor o Espírito da paz. Aprendamos a dizer todos os dias: “Senhor, dá-me a tua paz, dá-me o Espírito Santo”. É uma bela oração. Recitemo-la juntos? “Senhor, dá-me a tua paz, dá-me o Espírito Santo”. Não ouvi bem, outra vez: “Senhor, dá-me a tua paz, dá-me

o Espírito Santo”. E peçamo-lo também por aqueles que vivem ao nosso lado, por quantos encontramos todos os dias, e pelos responsáveis das nações.

Que Nossa Senhora nos ajude a receber o Espírito Santo para sermos construtores de paz.

## SOLENIIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR

**Domingo, 29 de maio de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

Hoje na Itália e em muitos países, celebra-se a Ascensão do Senhor, ou seja, o seu regresso ao Pai. Na Liturgia, o Evangelho segundo Lucas narra a última aparição do Senhor Ressuscitado aos discípulos (cf. 24, 46-53). A vida terrena de Jesus culmina precisamente com a Ascensão, que também professamos no Credo: «e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai». O que significa este evento? Como devemos entendê-lo? Para responder a esta pergunta, detenhamo-nos em duas ações que Jesus realiza antes de subir ao céu: primeiro anuncia o dom do Espírito e depois abençoa os discípulos. Anuncia o dom do Espírito e abençoa.

Em primeiro lugar, Jesus diz aos seus amigos: «Eu mandar-vos-ei o Prometido do meu Pai» (v. 49). Ele fala do Espírito Santo, o Consolador, Aquele que os acompanhará, guiará, apoiará na missão, defenderá nas batalhas espirituais. Então compreendemos algo importante: Jesus não está a abandonar os discípulos. Ele sobe ao céu, mas não nos deixa sozinhos. Aliás, precisamente ao ascender para o Pai ele *garante a efusão* do Espírito Santo, *do seu Espírito*. Noutra ocasião, ele disse: «convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós» (Jo 16, 7), ou seja, o Espírito. Também nisto se pode ver o amor de Jesus: a sua é uma presença que não quer limitar a nossa liberdade. Pelo contrário, dá-nos espaço, porque o verdadeiro amor gera sempre uma proximidade que não esmaga, não é possessivo, é próximo mas não possessivo; pelo contrário, o verdadeiro amor torna-nos protagonistas. E assim Cristo assegura: “Volto para o Pai, e vós sereis revestidos do poder do alto: enviar-vos-ei o meu próprio Espírito, e pelo seu poder continuareis a minha obra no mundo” (cf. Lc 24, 49). Assim, subindo ao céu Jesus, em vez de permanecer perto de alguns com o seu corpo, faz-se próximo de todos com o seu Espírito. O Espírito Santo torna Jesus presente em nós, além das barreiras do tempo e do espaço, para nos fazer suas testemunhas no mundo.

Imediatamente depois – é a segunda ação – Cristo levanta as mãos e *abençoa os apóstolos* (cf. v. 50). É um gesto sacerdotal. Deus, desde a época de Aarão, tinha confiado aos sacerdotes a tarefa de abençoar o povo (cf. Nm 6, 26). O Evangelho quer dizer-nos que *Jesus é o grande sacerdote da nossa vida*. Jesus volta para o Pai a fim de *interceder* por nós, de lhe apresentar a nossa humanidade. Assim, diante dos olhos do Pai, há e sempre haverá, com a humanidade de Jesus, as nossas vidas, as nossas esperanças, as nossas feridas. Assim, enquanto ele faz o seu “êxodo” para o Céu, Cristo “abre o caminho” para nós, vai preparar-nos um lugar e, desde então, intercede por nós, para que sejamos sempre acompanhados e abençoados pelo Pai.

Irmãos e irmãs, pensemos hoje no dom do Espírito que recebemos de Jesus para sermos testemunhas do Evangelho. Perguntemo-nos se realmente o somos; e também se somos capazes de amar os outros, deixando-os livres e abrindo-lhes espaço. E depois: sabemos ser intercessores pelos outros, ou seja, sabemos rezar por eles e abençoar a sua vida? Ou servimos os outros para os próprios interesses? Aprendamos isto: oração de intercessão, interceder pelas esperanças e sofrimentos do mundo, intercedendo pela paz. E abençoemos com o olhar e com as palavras aqueles que encontramos todos os dias!

Agora oremos a Nossa Senhora, a bendita entre as mulheres que, cheia do Espírito Santo, reza e intercede sempre por nós.

\*\*\*

**Domingo, 5 de junho de 2022**

*Caros irmãos e irmãs, bom dia, bom domingo!*

E hoje também boa festa, porque se celebra a Solenidade de Pentecostes. Celebra-se a efusão do Espírito Santo sobre os Apóstolos, que teve lugar cinquenta dias após a Páscoa. Jesus prometeu-o várias vezes. Na liturgia de hoje, o Evangelho regista uma destas promessas, quando Jesus disse aos discípulos: «O Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome,

*ensinar-vos-á* todas as coisas e *recordar-vos-á* o que vos disse» (Jo 14, 26). Eis o que faz o Espírito: *ensina e recorda* o que Cristo disse. Reflitamos sobre estas duas ações, *ensinar* e *recordar*, porque é assim que Ele faz entrar o Evangelho de Jesus nos nossos corações.

Antes de tudo, o Espírito Santo *ensina*. Desta forma, ajuda-nos a superar um obstáculo que se apresenta na experiência da fé: o da *distância*. Ele ajuda-nos a superar o obstáculo da distância na experiência da fé. De facto, pode surgir a dúvida de que entre o Evangelho e a vida quotidiana exista uma grande distância: Jesus viveu há dois mil anos, foram outros tempos, outras situações, e por isso o Evangelho parece ultrapassado, parece inadequado para falar aos nossos dias com as suas necessidades e problemas. Também a nós surge esta pergunta: o que pode o Evangelho dizer na era da internet, e na época da globalização? Como pode incidir a sua palavra?

Podemos dizer que o Espírito Santo é especialista em preencher distâncias, Ele sabe como transpor distâncias; Ele ensina-nos a superá-las. É Ele que liga o ensinamento de Jesus a cada tempo e a cada pessoa. Com Ele as palavras de Cristo não são uma memória, não: as palavras de Cristo pelo poder do Espírito Santo tornam-se vivas, hoje! O Espírito torna-as vivas para nós: através da Sagrada Escritura Ele fala-nos e orienta-nos no presente. O Espírito Santo não teme o passar dos séculos; pelo contrário, Ele torna os crentes atentos aos problemas e vicissitudes do seu tempo. De facto, quando o Espírito Santo ensina, atualiza: ele mantém a fé sempre jovem. Arriscamo-nos a fazer da fé uma peça de museu: é o risco! Ele, ao contrário, põe-na ao passo com os tempos, sempre atualizada, a fé em dia: esta é a sua tarefa. Pois o Espírito Santo não se prende a épocas nem a modas passageiras, mas traz aos dias de hoje a atualidade de Jesus, ressuscitado e vivo.

E como faz isto o Espírito? Fazendo-nos recordar. Eis o segundo verbo, *recordar*. O que significa recordar? *Recordar* significa *trazer de volta ao coração, recordar*: o Espírito traz o Evangelho de volta ao nosso coração. Acontece como com os Apóstolos: eles ouviram Jesus muitas vezes, no entanto tinham-no compreendido pouco. O mesmo acontece connosco. Mas

a partir do Pentecostes, com o Espírito Santo, recordam e compreendem. Acolhem as suas palavras como feitas especialmente para eles e passam de um conhecimento exterior, de um conhecimento da memória, para uma relação viva, uma relação convicta e jubilosa com o Senhor. É o Espírito que faz isto, que nos faz passar do “ouvir dizer” para um conhecimento pessoal de Jesus, que entra no coração. Assim o Espírito muda a nossa vida: Ele faz com que os pensamentos de Jesus se tornem os nossos pensamentos. E fá-lo relembrando-nos as suas palavras, trazendo-nos ao coração, hoje, as palavras de Jesus.

Irmãos e irmãs, sem o Espírito para nos recordar Jesus, a fé fica esquecida. Tantas vezes a fé torna-se uma recordação sem memória: mas a memória está viva e a memória viva é trazida pelo Espírito. E nós - perguntemo-nos - somos cristãos esquecidos? Talvez seja suficiente uma adversidade, um cansaço, uma crise para esquecer o amor de Jesus e cair na dúvida e no nosso medo? Ai de nós! Tenhamos o cuidado de não nos tornarmos cristãos esquecidos. O remédio é invocar o Espírito Santo. Façamo-lo com frequência, especialmente em momentos importantes, antes de decisões difíceis e nas situações complicadas. Peguemos o Evangelho e invoquemos o Espírito. Podemos dizer: “Vem, Espírito Santo, recorda-me Jesus, ilumina o meu coração”. É uma bela oração, esta: “Vem, Espírito Santo, recorda-me Jesus, ilumina o meu coração”. Digamo-la juntos? “Vem, Espírito Santo, recorda-me Jesus, ilumina o meu coração”. Depois, abramos o Evangelho e leiamos um pequeno trecho, lentamente. E o Espírito fará com que ele fale à nossa vida.

Que a Virgem Maria, cheia do Espírito Santo, acenda em nós o desejo de rezar a Ele e de receber a Palavra de Deus.

\*\*\*

**Domingo, 12 de junho de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bom domingo!*



Hoje é a solenidade da Santíssima Trindade, e no Evangelho da celebração Jesus apresenta-nos as outras duas Pessoas divinas, o Pai e o Espírito Santo. Do Espírito diz: «não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e anunciar-vos-á». E depois, a propósito do Pai, diz: «Tudo o que o Pai possui é meu» (Jo 16, 14-15). Notamos que o Espírito Santo fala, mas não de si mesmo: *anuncia Jesus e revela o Pai*. E notamos também que o Pai, que possui tudo, porque é a origem de todas as coisas, dá ao Filho tudo o que possui: não reserva nada para si, *doa-se inteiramente ao Filho*. Ou seja, o Espírito Santo não fala de si mesmo, fala de Jesus, fala de outros. E o Pai, ele não se doa a si mesmo, doa o Filho. É a generosidade aberta, um aberto ao outro.

E agora olhemos para nós, para aquilo de que *falamos* e para aquilo que *possuímos*. Quando falamos, queremos sempre que se digam coisas boas sobre nós, e muitas vezes só falamos de nós mesmos e do que fazemos. Quantas vezes! “Fiz isto, aquilo...”, “Tinha este problema...”. Fala-se sempre assim. Quanta diferença do Espírito Santo, que fala anunciando os outros, e o Pai anuncia o Filho! E, sobre o que *possuímos*, como somos invejosos, e como é difícil para nós partilhá-lo com outros, inclusive com aqueles que não têm o necessário! Com palavras é fácil, mas na prática é muito difícil.

É por isso que celebrar a Santíssima Trindade não é tanto um exercício teológico, mas uma revolução no nosso modo de viver. Deus, no qual cada Pessoa vive para a outra em relação contínua, não para si mesmo, provoca-nos a viver com os outros e para os outros. Abertos. Hoje podemos perguntar-nos se a nossa vida reflete o Deus no qual acreditamos: eu, que professo fé em Deus Pai e Filho e Espírito Santo, acredito realmente que para viver preciso dos outros, preciso de me entregar aos outros, preciso de servir os outros? Afirmo isto com palavras ou afirmo-o com a minha vida?

O Deus trino e único, queridos irmãos e irmãs, deve ser mostrado assim, com atos antes das palavras. Deus, que é o autor da vida, é transmitido menos através dos livros e mais através do testemunho da vida. Aquele que, como escreve o evangelista João, «é amor» (1 Jo 4, 16), revela-se através do amor. Pensemos nas pessoas boas, generosas e mansas que conhecemos:

recordando a sua maneira de pensar e de agir, podemos ter um pequeno reflexo de Deus-Amor. E o que significa amar? Não só querer o bem e fazer o bem, mas antes de mais, pela raiz, acolher, estar aberto aos outros, dar espaço aos outros. Isto significa amar, pela raiz.

Para melhor o compreender, pensemos nos nomes das Pessoas divinas, que pronunciamos cada vez que fazemos o sinal da cruz: em cada nome há a presença do outro. O Pai, por exemplo, não o seria sem o Filho; do mesmo modo o Filho não pode ser pensado sozinho, mas sempre como Filho do Pai. E o Espírito Santo, por sua vez, é o Espírito do Pai e do Filho. Em suma, a Trindade ensina-nos que um nunca pode ficar sem o outro. Não somos ilhas, estamos no mundo para viver à imagem de Deus: abertos, necessitados de outros e necessitados de ajudar os outros. Então, coloquemo-nos esta última pergunta: na vida quotidiana, também eu sou um reflexo da Trindade? O sinal da cruz que faço todos os dias – Pai, Filho e Espírito Santo – aquele sinal da cruz que fazemos todos os dias, permanece simplesmente um gesto, ou inspira a minha maneira de falar, de encontrar, de responder, de julgar, de perdoar?

Que Nossa Senhora, filha do Pai, mãe do Filho e esposa do Espírito, nos ajude a acolher e testemunhar na vida o mistério de Deus-Amor.

\*\*\*

**Domingo, 19 de junho de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bom domingo!*

Em Itália e noutros países celebramos hoje a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. A Eucaristia, instituída na Última Ceia, foi como o ponto de chegada de um percurso, ao longo do qual Jesus o tinha prefigurado através de certos sinais, especialmente a multiplicação dos pães, narrada no Evangelho da Liturgia de hoje (cf. *Lc 9, 11b-17*). Jesus cuida da grande multidão que o seguiu para ouvir a sua palavra e ser libertada de vários males. Ele abençoa cinco pães e dois peixes, parte-os, os discípulos distribuem, e «todos comeram e ficaram saciados» (*Lc 9, 17*), diz

o Evangelho. Na Eucaristia, todos podem experimentar este cuidado amoroso e concreto do Senhor. Quem recebe o Corpo e Sangue de Cristo na fé não só come, mas fica saciado. Comer e ficar saciado: são duas necessidades fundamentais, que na Eucaristia são satisfeitas.

*Comer.* «Todos comeram», escreve São Lucas. No início da noite, os discípulos aconselham Jesus a dispensar a multidão para que possam ir à procura de comida. Mas o Mestre quer providenciar também isto: para aqueles que o ouviram, quer dar-lhes também de comer. O milagre dos pães e dos peixes não se realiza de forma espetacular, mas quase reservada, como nas bodas de Caná: o pão aumenta à medida que passa de mão em mão. E enquanto come, a multidão apercebe-se de que Jesus cuida de tudo. Este é o Senhor presente na Eucaristia: Ele chama-nos a ser cidadãos do Céu, mas, entretanto, Ele considera o caminho que temos de fazer aqui na terra. Se tenho pouco pão na bolsa, Ele sabe e preocupa-se.

Por vezes existe o risco de confinar a Eucaristia a uma dimensão vaga e distante, talvez brilhante e perfumada com incenso, mas longe das veredas da vida diária. Na realidade, o Senhor preocupa-se com todas as nossas necessidades, começando pelas mais básicas. E quer dar o exemplo aos discípulos, dizendo: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (v. 13), às pessoas que o escutaram durante o dia. A nossa adoração eucarística encontra a sua verificação quando cuidamos do próximo, como faz Jesus: à nossa volta há fome de comida, mas também de companhia, há fome de consolação, de amizade, de bom ânimo, há fome de atenção, há fome de ser evangelizado. Encontramos isto no Pão eucarístico: a atenção de Cristo às nossas necessidades, e o convite a fazer o mesmo àqueles que nos rodeiam. É preciso *comer e dar de comer*.

Contudo, além de *comer*, não deve faltar o *ficar saciado*. A multidão saciou-se com a abundância de comida, e também com a alegria e a admiração de a receber de Jesus! Precisamos certamente de ser alimentados, mas também de ser saciados, ou seja, de saber que a alimentação nos é dada por *amor*. No Corpo e Sangue de Cristo encontramos a sua *presença*, a sua vida doada por cada um de nós. Ele não nos dá apenas a ajuda para continuar, mas dá-se a si mesmo: faz-se nosso companheiro de viagem,

entra nas nossas vicissitudes, visita as nossas solidões, restituindo significado e entusiasmo. Isto sacia-nos, quando o Senhor dá sentido à nossa vida, à nossa obscuridade, às nossas dúvidas, mas Ele vê o sentido e este sentido que o Senhor nos dá sacia-nos, dá-nos aquele “mais” que todos procuramos: isto é, a *presença* do Senhor! Porque no calor da Sua presença a nossa vida muda: sem Ele seria verdadeiramente cinzenta. Enquanto adoramos o Corpo e Sangue de Cristo, peçamos-Lhe de coração: “Senhor, dai-me o pão de cada dia para ir em frente, Senhor, saciai-me com a vossa presença!”.

A Virgem Maria nos ensine a adorar o Jesus vivo na Eucaristia e a partilhá-lo com os nossos irmãos e irmãs.

\*\*\*

Domingo, 26 de junho de 2022

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia deste domingo fala-nos de um ponto de viragem. Diz: «Aproximando-se o tempo em que Jesus devia ser arrebatado deste mundo, ele *resolveu* dirigir-se a Jerusalém» (Lc 9, 51). Assim começa a “grande viagem” para a cidade santa, que requer uma decisão especial porque é a última. Os discípulos, cheios de entusiasmo ainda demasiado mundano, sonham que o Mestre está a caminho do triunfo; Jesus, por outro lado, sabe que a rejeição e a morte o esperam em Jerusalém (cf. Lc 9, 22, 43b-45); sabe que terá de sofrer muito; e isto requer uma decisão *firme*. Assim, Jesus vai com passo firme em direção a Jerusalém. É a mesma decisão que devemos tomar se quisermos ser discípulos de Jesus. Em que consiste esta decisão? Porque devemos ser verdadeiros discípulos de Jesus, com decisão real, e não - como costumava dizer uma senhora idosa que eu conhecia – “cristãos como água-rosa”. Não! Cristãos determinados. E somos ajudados a compreender isto pelo episódio que o Evangelista Lucas relata imediatamente a seguir.

Enquanto estavam a caminho, uma aldeia de samaritanos, tendo ouvido dizer que Jesus se dirigia para Jerusalém - que era a cidade adversária - não o recebeu. Os apóstolos Tiago e João, indignados, sugerem a Jesus que castigue aquelas pessoas, fazendo descer um fogo do céu. Jesus não só não aceita a proposta, como repreende os dois irmãos. Eles querem envolvê-lo no seu desejo de vingança e Ele não concorda com isso (cf. vv. 52-55). O “fogo” que Ele veio trazer à terra é outro, (cf. *Lc* 12, 49) é o Amor misericordioso do Pai. E para fazer crescer este fogo é preciso paciência, é preciso constância, é necessário um espírito penitencial.

Tiago e João, ao contrário, deixaram-se vencer pela ira. E isto também nos acontece, quando, embora façamos o bem, talvez com sacrifício, em vez de acolhimento encontramos uma porta fechada. Então surge a raiva: tentamos até envolver o próprio Deus, ameaçando castigos celestiais. Jesus, diversamente, percorre outro caminho, não o caminho da raiva, mas o da decisão firme de ir em frente, o que, longe de se traduzir em dureza, implica calma, paciência, longanimidade, sem, no entanto, diminuir minimamente no compromisso de fazer o bem. Esta forma de ser não denota fraqueza, pelo contrário, mas uma grande força interior. Deixar-se vencer pela raiva na adversidade é fácil, é instintivo. É difícil dominar-se a si mesmo, fazendo como Jesus que - diz o Evangelho - se pôs «a caminho rumo a outra aldeia» (v. 56). Isto significa que quando encontramos fechamentos, devemos dedicar-nos a fazer o bem noutra lugar, sem recriminações. Assim Jesus ajuda-nos a ser pessoas serenas, contentes com o bem praticado e que não procuram a aprovação humana.

Agora perguntemo-nos: nós, a que ponto estamos? A que ponto estamos? Perante a contrariedade, diante de incompreensões, dirigimo-nos ao Senhor, pedimos-lhe a sua firmeza para fazer o bem? Ou procuramos confirmação nos aplausos, acabando por ser amargos e ressentidos quando não os recebemos? Com que frequência, mais ou menos conscientemente, procuramos aplausos, a aprovação dos outros? Será que o fazemos pelos aplausos? Não, não pode ser. Temos de fazer o bem pelo serviço e não procurar aplausos. Por vezes pensamos que o nosso fervor se deve a um sentido de justiça por uma boa causa, mas na realidade na maioria das vezes é apenas orgulho, juntamente com debilidade, suscetibilidade e

impaciência. Peçamos então a Jesus a força para ser como Ele, para O seguir com firme determinação neste caminho de serviço. Para não sermos vingativos nem intolerantes quando surgem dificuldades, quando nos dedicamos ao bem e os outros não compreendem, aliás, quando nos desqualificam. Não, silêncio e ir em frente

Que a Virgem Maria nos ajude a fazer nossa a firme decisão de Jesus de permanecer no amor até ao fim.

\*\*\*

SOLENIDADE DOS SANTOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO

Quarta-feira, 29 de junho de 2022

*Prezados irmãos e irmãs!*

O Evangelho da Liturgia de hoje, solenidade dos Santos Padroeiros de Roma, cita as palavras que Pedro dirige a Jesus: «Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo» (Mt 16, 16). É uma profissão de fé, que Pedro pronuncia não com base na sua compreensão humana, mas porque Deus Pai a inspirou nele (cf. v. 17). Para o pescador Simão, chamado Pedro, foi o início de um caminho: com efeito, deverá passar muito tempo antes que a compreensão dessas palavras entre profundamente na sua vida, abrangendo-a totalmente. Existe uma “aprendizagem” da fé, que envolveu também os apóstolos Pedro e Paulo, semelhante à de cada um de nós. Também nós acreditamos que Jesus é o Messias, o Filho do Deus vivo, mas é preciso tempo, paciência e muita humildade para que o nosso modo de pensar e de agir adira plenamente ao Evangelho.

O apóstolo Pedro experimentou-o imediatamente. Logo depois de ter declarado a sua fé a Jesus, quando Ele anuncia que deverá sofrer e ser condenado à morte, rejeita esta perspectiva, que considera incompatível com o Messias. Sente-se até obrigado a repreender o Mestre, que por sua vez o censura: «Afasta-te de mim, Satanás! Tu és um escândalo para mim, os teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens» (v. 23).

Pensemos: não nos acontece a mesma coisa? Repetimos o Credo, recitamo-lo com fé; mas diante das duras provações da vida, tudo parece vacilar. Somos levados a protestar contra o Senhor, dizendo-lhe que não é correto, que deve haver outros caminhos, mais diretos, menos cansativos. Experimentamos a laceração do crente, que acredita em Jesus, confia n'Ele; mas ao mesmo tempo sente que é difícil segui-lo e sente-se tentado a procurar outros caminhos, que não são os do Mestre. São Pedro viveu este drama interior e precisou de tempo e de amadurecimento. No início sentia-se horrorizado com o pensamento da cruz; mas no fim da vida deu testemunho do Senhor com coragem, a ponto de se deixar crucificar - segundo a tradição - de cabeça para baixo, para não ser igual ao Mestre.

Também o apóstolo Paulo segue o próprio caminho, também ele passou por um lento amadurecimento da fé, experimentando momentos de incerteza e dúvida. A aparição do Ressuscitado no caminho de Damasco, que o fez passar de perseguidor a cristão, deve ser vista como o início de um percurso durante o qual o Apóstolo se reconciliou com as crises, fracassos e tormentos contínuos daquele que ele define “espinho na carne” (cf. *2 Cor* 12, 7). O caminho de fé nunca é um passeio, para ninguém, nem para Pedro nem para Paulo, nem para qualquer cristão. O caminho de fé não é um passeio, mas é exigente, às vezes árduo: até Paulo, que se tornou cristão, teve que aprender a sê-lo até ao fundo de modo gradual, especialmente através dos momentos de provação.

À luz desta experiência dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, cada um de nós pode perguntar-se: quando professo a minha fé em Jesus Cristo, Filho de Deus, faço-o com a consciência de dever aprender sempre, ou suponho que “já entendi tudo”? E ainda: nas dificuldades e provações fico desanimado, queixo-me, ou aprendo a fazer delas uma ocasião para crescer na confiança no Senhor? Com efeito - escreve Paulo a Timóteo - ele livra-nos de todo o mal e leva-nos com segurança para o céu (cf. *2 Tm* 4, 18). Que a Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos, nos ensine a imitá-los, progredindo dia após dia no caminho da fé.

\*\*\*

**Domingo, 3 de julho de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

No Evangelho da Liturgia deste Domingo lemos que «designou o Senhor ainda setenta e dois outros discípulos e mandou-os, dois a dois, adiante de si, por todas as cidades e lugares para onde ele tinha de ir» (Lc 10, 1). Os discípulos foram enviados dois a dois, não singularmente. Ir em missão dois a dois, de um ponto de vista prático, parece ter mais desvantagens do que vantagens. Há o risco de que os dois não se entendam, que tenham um ritmo diferente, que um fique cansado ou doente pelo caminho, forçando também o outro a parar. Quando, ao contrário, se está sozinho parece que o caminho se torna mais rápido e sem impedimentos. Contudo, Jesus não pensa assim: não envia solitários antes dele, mas discípulos que vão dois a dois. Mas façamo-nos uma pergunta: qual é a razão desta escolha do Senhor?

A tarefa dos discípulos é ir pelas aldeias e preparar o povo para receber Jesus; e as instruções que Ele lhes dá não são tanto sobre o que devem dizer, mas sobre *como devem ser*: isto é, não sobre o “livrete” que devem recitar, não; sobre o testemunho de vida, o testemunho a ser dado mais do que sobre as palavras a dizer. De facto, define-os como *operários*: ou seja, são chamados a operar, a evangelizar através do seu comportamento. E a primeira ação concreta através da qual os discípulos realizam a sua missão é precisamente a de ir *dois a dois*. Os discípulos não são “batedores livres”, pregadores que não sabem ceder a palavra a outro. É antes de mais a própria vida dos discípulos que proclama o Evangelho: o seu saber estar juntos, o respeitar-se reciprocamente, o não querer demonstrar que se é mais capaz do que o outro, a referência concordante ao único Mestre.

Podem-se elaborar planos pastorais perfeitos, implementar projetos bem elaborados, organizar-se nos mínimos detalhes; podem-se convocar multidões e ter muitos meios; mas se não houver disponibilidade para a fraternidade, a missão evangélica não progride. Certa vez, um missionário relatou que tinha partido para África juntamente com um confrade. Após algum tempo, contudo, separou-se dele, ficando numa aldeia onde realizou



com sucesso uma série de atividades de construção para o bem da comunidade. Tudo estava a funcionar bem. Mas um dia teve um abalo: percebeu que a sua vida era a de um bom empresário, sempre no meio de canteiros de construção e papelada! Mas ... e o “mas” permaneceu lá. Então, deixou a gestão a outros, aos leigos, e foi ter com o seu confrade. Compreendeu assim porque o Senhor tinha enviado os discípulos “dois a dois”: a missão evangelizadora não se baseia no ativismo pessoal, ou seja, no “fazer”, mas no testemunho do amor fraterno, inclusive através das dificuldades que a convivência implica.

Então podemos perguntar-nos: como levar a boa nova do Evangelho aos outros? Fazemo-lo com espírito e estilo fraternal, ou à maneira do mundo, com protagonismo, competitividade e eficiência? Perguntemo-nos se temos capacidade para colaborar, se sabemos como tomar decisões em conjunto, respeitando sinceramente os que nos rodeiam e tendo em conta o seu ponto de vista, se o fazemos em comunidade, não sozinhos. De facto, é sobretudo deste modo que a vida do discípulo permite que a do Mestre resplandeça, anunciando-o verdadeiramente aos outros.

Que a Virgem Maria, Mãe da Igreja, nos ensine a preparar o caminho para o Senhor com o testemunho da fraternidade.

\*\*\*

**Domingo, 10 de julho de 2022**

*Prezados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia de hoje narra a parábola do bom Samaritano (cf. *Lc* 10, 25-37); todos a conhecemos. Como pano de fundo há a estrada que de Jerusalém desce até Jericó, ao longo da qual se encontra um homem espancado brutalmente e assaltado por ladrões. Um sacerdote que passa vê-o mas não se pára, vai além; assim como um levita, ou seja, um ministro do culto no templo. «Mas um samaritano», diz o Evangelho, «*que estava a caminho, chegando àquele lugar, viu-o e teve compaixão dele*» (v. 33). Não esqueçamos estas palavras: “teve compaixão dele”; é o que Deus sente cada

vez que nos vê com um problema, num pecado, numa miséria: “teve compaixão dele”. O Evangelista deseja especificar que o Samaritano *estava a caminho*. Portanto, aquele Samaritano, embora tivesse os seus programas e se dirigisse para uma meta distante, não encontra desculpas e deixa-se interpelar, deixa-se interpelar, pelo que acontece ao longo do caminho. Pensemos: não nos ensina o Senhor a fazer exatamente isto? A olhar para longe, para a meta final, contudo prestando muita atenção aos passos que devemos dar, aqui e agora, para lá chegar.

É significativo que os primeiros cristãos se chamassem “*discípulos da Via*” (cf. At 9, 2), ou seja, do caminho. Com efeito, o crente é muito parecido com o Samaritano: como ele, está a caminho, é um viandante. Sabe que não é alguém que “chegou”, mas quer aprender todos os dias, seguindo o Senhor Jesus, que disse: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6). *Eu sou o caminho*: o discípulo de Cristo caminha seguindo-o, e assim torna-se um “discípulo do Caminho”. Segue o Senhor, que não é um sedentário, mas está sempre a caminho: ao longo da estrada encontra pessoas, cura doentes, visita aldeias e cidades. Assim agia o Senhor, sempre a caminho!

Por isso, o “discípulo do Caminho” - ou seja, nós cristãos - vê que a sua maneira de pensar e de agir muda gradualmente, conformando-se cada vez mais com a do Mestre. Seguindo os passos de Cristo, torna-se um viandante e aprende - como o Samaritano - a *ver* e a *ter compaixão*. Vê e tem compaixão. Em primeiro lugar, vê: abre os olhos para a realidade, não permanece egoisticamente fechado dentro dos próprios pensamentos. Ao contrário, o sacerdote e o levita veem o infeliz, mas é como se não o vissem, vão além, olham para o outro lado. O Evangelho educa-nos a *ver*: leva cada um de nós a compreender corretamente a realidade, superando dia após dia os preconceitos e os dogmatismos. Muitos crentes refugiam-se nos dogmatismos para se defenderem da realidade. E depois ensina-nos a seguir Jesus, porque seguir Jesus nos ensina a *ter compaixão*: a dar-nos conta dos outros, especialmente daqueles que sofrem, dos mais necessitados. E para agir como o Samaritano: não ir além, mas parar.

Diante desta parábola evangélica, pode acontecer que demos a culpa a outros ou a nós mesmos, apontando o dedo contra o próximo, comparando-o com o sacerdote e com o levita: “Mas este ou aquele vão além, não param!”, ou culpando-nos a nós próprios, enumeramos a nossa falta de atenção ao próximo. Mas gostaria de vos sugerir outro tipo de exercício. Não tanto o de nos culparmos a nós próprios, não; sem dúvida, devemos reconhecer quando fomos indiferentes e quando nos justificámos, mas não nos limitemos a isto. Devemos reconhecê-lo, é um erro, mas peçamos ao Senhor que nos faça sair da nossa indiferença egoísta e nos coloque no Caminho. Peçamos-lhe para *ver* e *ter compaixão*. É uma graça, devemos pedi-la ao Senhor: “Senhor, que eu veja, que eu tenha compaixão, como Tu me vês e tens compaixão de mim!”. É a prece que hoje vos sugiro: “Senhor, que eu veja, que eu tenha compaixão, como Tu me vês e tens compaixão de mim!”. Tenhamos compaixão daqueles que encontramos ao longo do caminho, sobretudo de quantos sofrem e estão em necessidade, para nos aproximarmos e fazer o que pudermos para ajudar.

Muitas vezes, quando me encontro com algum cristão ou cristã que vem falar de coisas espirituais, pergunto se dá esmola. “Sim”, responde-me - “E, diz-me, tocas a mão da pessoa a quem dás a moeda?”. “Não, não, lanço-a lá”. “E fitas os olhos daquela pessoa?”. “Não, não me passa pela cabeça”. Se deres esmola sem tocares na realidade, sem fitares os olhos da pessoa em necessidade, aquela esmola é para ti, não para ela. Pensemos nisto: “Toco as misérias, até as misérias que ajudo? Fito nos olhos as pessoas que sofrem, as pessoas que ajudo?”. Deixo-vos este pensamento: ver e ter compaixão!

Que a Virgem Maria nos acompanhe neste caminho de crescimento. Ela, que “nos indica o Caminho”, ou seja, Jesus, nos ajude também a tornar-nos cada vez mais “discípulos do Caminho”!

\*\*\*

**Domingo, 17 de julho de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia deste domingo apresenta-nos um vivaz quadro doméstico com Marta e Maria, duas irmãs que oferecem hospitalidade a Jesus na sua casa (cf. *Lc* 10, 38-42). Marta começa imediatamente a receber os convidados, enquanto Maria se senta aos pés de Jesus para o ouvir. Então Marta dirige-se ao Mestre e pede-lhe que diga a Maria para a ajudar. A queixa de Marta não parece fora de lugar; aliás, sentimos que ela tem razão. Mas Jesus responde-lhe: «Marta, Marta, andas muito inquieta e preocupas-te com muitas coisas; no entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu *a parte melhor*, que não lhe será tirada» (*Lc* 10, 41-42). É uma resposta que surpreende. Mas Jesus muitas vezes inverte a nossa maneira de pensar. Perguntemo-nos por que o Senhor, embora apreciando a generosa preocupação de Marta, afirma que devemos preferir a atitude de Maria.

A “filosofia” de Marta parece ser esta: primeiro o dever, depois o prazer. Com efeito, a hospitalidade não é feita de belas palavras, mas exige que se ponha as mãos no fogão, que se faça o que for preciso para que o convidado se sinta bem-vindo. Jesus sabe isto muito bem. E de facto reconhece a dedicação de Marta. Contudo, quer que ela compreenda que existe uma nova ordem de prioridades, diferente daquela que ela tinha seguido até então. Maria intuiu que existe uma “*parte melhor*” à qual se deve dar o primeiro lugar. O resto vem a seguir, como um riacho que corre da nascente. E assim nos perguntamos: o que é esta “*parte melhor*”? É a escuta das palavras de Jesus. O Evangelho diz: «Maria, que se assentou aos pés do Senhor *para o ouvir falar*» (v. 39). Notemos: não ouviu de pé, fazendo outra coisa, mas sentou-se aos pés de Jesus. Compreendeu que Ele não é um convidado como os outros. À primeira vista parece que ele veio para receber, porque precisava de comida e abrigo, mas na realidade, o Mestre veio para se doar a nós através da sua palavra.

A palavra de Jesus não é abstrata, é um ensinamento que toca e molda a vida, muda-a, liberta-a da opacidade do mal, satisfaz e infunde uma alegria que não passa: a palavra de Jesus é a melhor parte, aquela que Maria escolheu. Por isso deu-lhe o primeiro lugar: *pára e escuta*. O resto virá depois. Isto nada tira ao valor do compromisso prático, não deve preceder, mas fluir da escuta da palavra de Jesus, deve ser animado pelo seu Espírito.

Caso contrário, reduz-se a uma azáfama e agitação por muitas coisas, reduz-se a um ativismo estéril.

Irmãos e irmãs, aproveitemos este tempo de férias para parar e ouvir Jesus. Hoje é cada vez mais difícil encontrar momentos livres para meditar. Para muitas pessoas, os ritmos de trabalho são frenéticos, desgastantes. O período de verão também pode ser precioso para abrir o Evangelho e lê-lo lentamente, sem pressa, um trecho por dia, um pequeno excerto do Evangelho. E isto faz-nos entrar nesta dinâmica de Jesus. Deixemo-nos interrogar por aquelas páginas, perguntando-nos como está a nossa vida, a minha vida, se está ou não de acordo com o que Jesus diz ou não tanto. Em particular, perguntemo-nos: quando começo o meu dia, atiro-me de cabeça para as coisas a fazer, ou procuro primeiro a inspiração na Palavra de Deus? Por vezes começamos os nossos dias automaticamente, fazendo coisas... como as galinhas. Não. Devemos começar os nossos dias primeiro olhando para o Senhor, pegando na sua Palavra, brevemente, mas que esta seja a inspiração para o dia. Se sairmos de casa pela manhã mantendo uma palavra de Jesus na nossa mente, certamente o dia adquirirá um tom marcado por aquela palavra, que tem o poder de dirigir as nossas ações de acordo com o que o Senhor quer.

Que a Virgem Maria nos ensine a escolher a parte melhor, que nunca nos será tirada.

\*\*\*

**Domingo, 31 de julho de 2022**

*Prezados irmãos e irmãs, bom dia!*

No Evangelho da Liturgia de hoje, um homem dirige este pedido a Jesus: «Mestre, diz ao meu irmão que reparta a herança comigo» (*Lc 12, 13*). É uma situação muito comum, problemas semelhantes ainda estão na ordem do dia: quantos irmãos e irmãs, quantos membros da mesma família, infelizmente, discutem e talvez já não falem uns com os outros, por causa da herança!

Respondendo àquele homem, Jesus não entra em detalhes, mas vai à raiz das divisões causadas pela posse dos bens, dizendo claramente: «Guardai-vos de toda a avareza» (v. 15). O que é a avareza? É a ganância desenfreada pelos bens, sempre com a vontade de enriquecer. É uma doença que destrói as pessoas, porque a fome de posse cria dependência. Especialmente quem tem muito nunca está satisfeito: quer sempre mais, e apenas para si próprio. Mas assim já não é livre: está apegado, é escravo ao que, paradoxalmente, devia servir-lhe para viver livre e sereno. Em vez de *se servir do dinheiro*, torna-se servo do dinheiro. Mas a avareza é uma doença perigosa até para a sociedade: por causa dela hoje chegamos a outros paradoxos, a uma injustiça sem igual na história, onde poucos têm muito e muitos têm pouco ou nada. Pensemos também nas guerras e nos conflitos: há quase sempre a ânsia pelos recursos e riquezas. Quantos interesses há por detrás de uma guerra! Certamente um deles é o comércio de armas. Este comércio é um escândalo ao qual não devemos nem podemos resignar-nos.

Hoje Jesus ensina-nos que, no centro de tudo isto, não há apenas algumas pessoas poderosas ou certos sistemas económicos: no centro está a avareza que existe no coração de cada um. Então procuremos perguntar-nos: como está o meu desprendimento dos bens, das riquezas? Queixo-me do que me falta ou estou satisfeito com o que tenho? Sinto-me tentado, em nome do dinheiro e das oportunidades, a sacrificar relações e tempo pelos outros? Além disso, estou tentado a sacrificar a legalidade e a honestidade no altar da avareza? Eu disse “altar”, altar da avareza, mas por que disse eu altar? Porque os bens materiais, o dinheiro, as riquezas podem tornar-se um culto, uma verdadeira idolatria. Por conseguinte, Jesus alerta-nos com palavras fortes. Diz que *não se pode servir dois senhores*, e – atenção! - não diz Deus e o diabo, não, nem o bem nem o mal, mas *Deus e as riquezas* (cf. *Lc 16, 13*). Esperar-se-ia que dissesse: não se pode servir a dois senhores, Deus e o diabo. Ao contrário, diz: *Deus e as riquezas*. Servir-se das riquezas, sim; servir a riqueza, não: é idolatria, é ofender a Deus.

E então - podemos pensar - não se pode desejar ser rico? É claro que se pode, aliás, é correto desejá-lo, é bom ser rico, mas *rico segundo Deus!* Deus é o mais rico de todos: é rico em compaixão, em misericórdia. A sua

riqueza não empobrece ninguém, não cria disputas nem divisões. É uma riqueza que gosta de dar, distribuir, partilhar. Irmãos, irmãs, acumular bens materiais não é suficiente para viver bem, pois - diz ainda Jesus - a vida não depende do que se possui (cf. *Lc 12, 15*). Ao contrário, depende das boas relações: com Deus, com os outros, e também com quem possui menos. Então, perguntemo-nos: como quero enriquecer-me? Quero enriquecer segundo Deus, ou segundo a minha avareza? E voltando ao tema da herança, que herança quero deixar? Dinheiro no banco, coisas materiais, ou pessoas felizes à minha volta, boas obras que não serão esquecidas, pessoas que ajudei a crescer e amadurecer?

Que Nossa Senhora nos ajude a compreender quais são os verdadeiros bens da vida, que permanecem para sempre.

\*\*\*

**Domingo, 7 de agosto de 2022**

*Prezados irmãos e irmãs, bom dia!*

No Evangelho da Liturgia de hoje, Jesus fala aos discípulos para os tranquilizar de qualquer medo e para os convidar à vigiância. São duas as exortações fundamentais que lhes dirige: a primeira é «Não tenhais medo, pequeno rebanho» (*Lc 12, 32*); a segunda é: «Estai prontos» (v. 35). “Não tenhais medo” e “estai prontos”. Trata-se de duas palavras-chave para vencer os receios que às vezes nos paralisam e para superar a tentação de uma vida passiva e adormecida. “Não tenhais medo” e “estai prontos”: meditemos sobre estes dois convites.

*Não ter medo.* Em primeiro lugar, Jesus encoraja os discípulos. Acaba de lhes falar sobre o cuidado amoroso e providente do Pai, que se preocupa com os lírios do campo e as aves do céu, e portanto ainda mais com os seus filhos. Assim, não devemos preocupar-nos, nem agitar-nos: a nossa história está firmemente nas mãos de Deus. Este convite de Jesus a não ter medo encoraja-nos. Com efeito, às vezes sentimo-nos presos num sentimento de desconfiança e angústia: é o medo de falhar, de não ser reconhecido e

amado, o receio de não ser capaz de realizar os próprios projetos, de nunca ser feliz, e assim por diante. Então lutamos para procurar soluções, para encontrar algum espaço onde sobressair, para acumular bens e riquezas, para alcançar seguranças; e como acabamos? Acabamos por viver na ansiedade e na preocupação constante. Jesus, ao contrário, tranquiliza-nos: não tenhais medo! Confiai no Pai, que quer oferecer-vos tudo aquilo de que realmente tendes necessidade. Já vos ofereceu o seu Filho, o seu Reino, e acompanha-vos sempre com a sua providência, cuidando de vós todos os dias. Não tenhais medo: eis a certeza à qual o coração deve apegar-se! Não tenhais medo: um coração apegado a esta certeza. Não temais!

Mas saber que o Senhor vela sobre nós com amor não nos dá o direito de dormir, de se deixar levar pela preguiça! Pelo contrário, devemos permanecer acordados, vigilantes. Com efeito, amar significa estar atento ao outro, prestar atenção às suas necessidades, estar disposto a ouvir e a acolher, estar pronto.

A segunda palavra: «Estai prontos». É o segundo convite de hoje. É sabedoria cristã. Jesus repete este convite várias vezes, e hoje fá-lo através de três breves parábolas, centradas num senhor que, na primeira, regressa inesperadamente das bodas, na segunda, não quer ser surpreendido pelos ladrões, e na terceira, regressa de uma longa viagem. Em todas, a mensagem é a seguinte: é preciso *permanecer acordado*, não adormecer, ou seja, não se distrair, não ceder à preguiça interior, pois até em situações em que não o esperamos, o Senhor vem. Estar atento ao Senhor, não adormecer. É preciso permanecer acordado.

E no final da nossa vida pedir-nos-á que prestemos contas dos bens que nos confiou; portanto, estar vigilante significa também ser *responsável*, isto é, preservar e administrar esses bens com fidelidade. Recebemos muito: a vida, a fé, a família, as relações, o trabalho, mas também os lugares onde vivemos, a nossa cidade, a criação. Recebemos muito. Procuremos perguntar-nos: cuidamos desta herança que o Senhor nos deixou? Tutelamos a sua beleza ou usamos as coisas apenas para nós e para as nossas conveniências do momento? Devemos pensar um pouco sobre isto: somos guardiões do que nos foi concedido?



Irmãos e irmãs, caminhemos sem medo, na certeza de que o Senhor nos acompanha sempre. E mantenhamo-nos acordados, para não estarmos a dormir quando o Senhor passar. Santo Agostinho dizia: “Tenho medo que o Senhor passe e eu não o veja”; adormecer e não ver que o Senhor passa. Permanecei acordados! Que nos ajude a Virgem Maria, que acolheu a visita do Senhor e, com prontidão e generosidade, disse o seu “eis-me”.

\*\*\*

**Domingo, 14 de agosto de 2022**

*Prezados irmãos e irmãs, bom dia!*

No Evangelho da liturgia de hoje há uma expressão de Jesus que sempre nos impressiona e interroga. Enquanto está a caminho com os seus discípulos, Ele diz: «Vim lançar fogo sobre a terra; e que quero Eu, senão que ele já se tenha ateado» (Lc 12, 49). De que fogo fala? E que significado têm estas palavras para nós hoje, este fogo que Jesus traz?

Como sabemos, Jesus veio trazer ao mundo o Evangelho, ou seja, a boa nova do amor de Deus por cada um de nós. Por isso, diz-nos que o Evangelho é como o fogo, porque se trata de uma mensagem que, quando irrompe na história, queima os velhos equilíbrios de vida, desafia a sair do individualismo, desafia a vencer o egoísmo, desafia a passar da escravidão do pecado e da morte para a nova vida do Ressuscitado, de Jesus ressuscitado. Isto é, o Evangelho não deixa as coisas como estão; quando o Evangelho passa, e é ouvido e recebido, as coisas não permanecem como estão. O Evangelho provoca a mudança e convida à conversão. Não dispensa uma falsa paz intimista, mas acende uma inquietação que nos põe a caminho, que nos leva a abrir-nos a Deus e aos irmãos. É exatamente como o fogo: enquanto nos aquece com o amor de Deus, quer queimar os nossos egoísmos, iluminar os lados obscuros da vida - todos nós os temos! - consumir os falsos ídolos que nos tornam escravos.

Na esteira dos profetas bíblicos – pensemos, por exemplo, em Elias e Jeremias - Jesus é inflamado pelo fogo do amor de Deus e, para o fazer

arder no mundo, despende-se em primeira pessoa, amando até ao fim, ou seja, até à morte e morte de cruz (cf. *Fl* 2, 8). Ele está cheio do Espírito Santo, que é comparado ao fogo, e com a sua luz e força revela o rosto misericordioso de Deus e confere plenitude a quantos são considerados perdidos, derruba as barreiras das marginalizações, cura as feridas do corpo e da alma, renova uma religiosidade reduzida a práticas exteriores. Por isso é fogo: muda, purifica.

Portanto, o que significa para nós, para cada um de nós - para mim, para vós, para ti - o que significa para nós esta palavra de Jesus sobre o fogo? Convida-nos a reacender a chama da fé, para que não se torne uma realidade secundária, nem um meio de bem-estar individual, o que nos faz evitar os desafios da vida e do compromisso na Igreja e na sociedade. Com efeito, dizia um teólogo, a fé em Deus «tranquiliza-nos, mas não como gostaríamos: isto é, não para nos proporcionar uma ilusão paralisante, nem uma abençoada satisfação, mas para nos permitir agir» (De Lubac, *Sulle vie di Dio*, Milão 2008, 184). Em suma, a fé não é uma “canção de ninar” que nos embala para nos fazer adormecer. A verdadeira fé é um fogo, um fogo aceso para nos manter acordados e ativos até durante a noite!

E então podemos perguntar-nos: sou apaixonado pelo Evangelho? Leio o Evangelho com frequência? Levo-o comigo? A fé que professo e celebro coloca-me numa tranquilidade abençoada ou acende em mim o fogo do testemunho? Podemos interrogar-nos também como Igreja: nas nossas comunidades, ardem o fogo do Espírito, a paixão pela oração e pela caridade, a alegria da fé, ou arrastamo-nos no cansaço e no hábito, com um rosto aborrecido e o lamento nos lábios e as tagarelices todos os dias? Irmãos e irmãs, questionemo-nos sobre isto, para que também nós possamos dizer como Jesus: estamos inflamados com o fogo do amor de Deus e queremos “lançá-lo” sobre o mundo, levá-lo a todos, para que cada um descubra a ternura do Pai e experimente a alegria de Jesus, que dilata o coração - e Jesus dilata o coração! - tornando bela a vida. Oremos à Santíssima Virgem por isso: Ela, que acolheu o fogo do Espírito Santo, interceda por nós!

\*\*\*

## SOLENIIDADE DA ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

Segunda-feira, 15 de agosto de 2022

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia! Feliz Festa!*

Hoje, Solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria, o Evangelho propõe-nos o diálogo entre Ela e a prima Isabel. Quando Maria entra em casa e saúda Isabel, ela diz-lhe: «Bendita sois Vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre» (Lc 1, 42). Estas palavras, cheias de fé, de alegria e de enlevo, passaram a fazer parte da “Ave-Maria”. Cada vez que recitamos esta oração, tão bonita e familiar, fazemos como Isabel: saudamos Maria, bendizemo-la, porque Ela nos traz Jesus.

Maria aceita a bênção de Isabel e responde com o cântico, um dom para nós, para toda a história: o *Magnificat*. É um cântico de louvor que poderíamos definir “o cântico da esperança”. É um hino de louvor e de exultação pelas maravilhas que o Senhor realizou nela, mas Maria vai além: contempla a obra de Deus em toda a história do seu povo. Por exemplo, diz que o Senhor «derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos» (vv. 52-53). Ouvindo estas palavras, poderíamos perguntar-nos: porventura não exagera um pouco a Virgem, descrevendo um mundo que não existe? Com efeito, o que diz não parece corresponder à realidade; enquanto Ela fala, os poderosos da época não foram derrubados: por exemplo, o temível Herodes permanece firme no seu trono. E também os pobres e os famintos permanecem assim, enquanto os ricos continuam a prosperar.

O que significa esse cântico de Maria? Qual é o sentido? Ela não quer fazer a crónica do tempo - não é uma jornalista - mas quer dizer-nos algo muito mais importante: que, através dela, Deus inaugurou uma mudança histórica, estabeleceu definitivamente uma nova ordem de coisas. Ela, pequena e humilde, foi exaltada e – é o que celebramos hoje - levada à glória do Céu, enquanto os poderosos do mundo estão destinados a permanecer de mãos vazias. Pensai na parábola daquele homem rico que tinha à porta um mendigo, Lázaro. Como acabou? De mãos vazias. Em síntese, Nossa Senhora anuncia uma mudança radical, uma inversão de

valores. Enquanto fala com Isabel carregando Jesus no ventre, antecipa o que o seu Filho dirá, quando proclamar bem-aventurados os pobres e os humildes, admoestando os ricos e quantos confiam na própria autossuficiência. Portanto, com este cântico, com esta oração, a Virgem *profetiza*: profetiza que não prevalecem o poder, o sucesso e o dinheiro, mas sim o serviço, a humildade e o amor. E olhando para Ela na glória, compreendemos que o verdadeiro poder é o serviço - não o esqueçamos: o verdadeiro poder é o serviço - e reinar significa amar. E que este é o caminho para o Céu!

Então, olhando para nós, podemos interrogar-nos: aquela inversão anunciada por Maria toca a minha vida? Acredito que amar é reinar, e servir é poder? Acredito que a meta da minha vida é o Céu, o paraíso? Ou só estou preocupado em viver bem aqui na terra, só me preocupo com as coisas terrenas, materiais? Mais ainda, observando as vicissitudes do mundo, deixo-me prender pelo pessimismo ou, como a Virgem, consigo vislumbrar a obra de Deus que, através da mansidão e da pequenez, realiza maravilhas? Irmãos e irmãs, hoje Maria canta a esperança e reacende-a em nós, nela vemos a meta do caminho: Ela é a primeira criatura que, com todo o seu ser, de corpo e alma, cruza vitoriosa a linha de chegada no Céu. Mostra-nos que o Céu está à mão. Como assim? Sim, o Céu está à mão, se também nós não cedermos ao pecado, louvarmos a Deus com humildade e servirmos os outros com generosidade. Não cedamos ao pecado; contudo, alguém pode dizer: “Mas padre, sou fraco” – “Mas o Senhor está sempre perto de ti, porque é misericordioso!”. Não esqueças qual é o estilo de Deus: proximidade, compaixão e ternura; Ele está sempre perto de nós com o seu estilo. A nossa Mãe toma-nos pela mão, acompanha-nos à glória, convida-nos a regozijar-nos pensando no paraíso. Bendigamos Maria com a nossa prece, pedindo-lhe um olhar capaz de vislumbrar o Céu na terra.

\*\*\*

**Domingo, 21 de agosto de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom domingo!*

No excerto do Evangelho de Lucas da liturgia deste domingo, alguém pergunta a Jesus: «“Senhor, são poucos os homens que se salvam?”». E o Senhor responde: «Procurai entrar pela porta estreita» (Lc 13, 24). A porta estreita é uma imagem que nos pode assustar, como se a salvação fosse destinada apenas a poucos eleitos ou aos perfeitos. Mas isto contradiz o que Jesus nos ensinou em muitas ocasiões; com efeito, um pouco mais adiante, Ele diz: «Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no Reino de Deus» (v. 29). Portanto, esta porta é *estreita*, mas está *aberta a todos!* Não vos esqueçais disto: a todos! A porta está aberta a todos!

Mas para compreender melhor esta *porta estreita*, devemos perguntar-nos o que ela é. Jesus apresenta a imagem da vida da época e provavelmente refere-se ao facto de que, quando anoitecia, as portas da cidade eram fechadas e apenas uma, mais estreita e pequena, permanecia aberta: para regressar a casa, só se podia passar por ali.

Pensemos então em quando Jesus diz: «*Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, será salvo*» (Jo 10, 9). Significa que para entrar na vida de Deus, na salvação, é preciso passar por Ele, e não por outro, por Ele; acolher a Ele e à sua Palavra. Assim como para entrar na cidade era preciso “medir-se” com a única porta estreita deixada aberta, também aquela do cristão é uma vida “à medida de Cristo”, fundada e modelada n’Ele. Significa que a medida é Jesus e o seu Evangelho: não o que pensamos, mas o que Ele nos diz. E assim trata-se de uma porta estreita não porque se destina a poucos, não, mas porque ser de Jesus significa segui-Lo, comprometer a vida no amor, no serviço e no dom de si como Ele fez, passando pela porta estreita da cruz. Entrar no projeto de vida que Deus nos propõe requer que reduzamos o espaço do egoísmo, que diminuamos a presunção de autossuficiência, que baixemos as alturas da soberba e do orgulho, e que superemos a preguiça a fim de atravessar o risco do amor, até quando inclui a cruz.

Pensemos, para sermos concretos, nos gestos diários de amor que realizamos com esforço: pensemos nos pais que se dedicam aos filhos fazendo sacrifícios e renunciando ao tempo para si mesmos; naqueles que

cuidam dos outros e não apenas dos próprios interesses: quantas pessoas são assim, boas; pensemos em quantos se dedicam ao serviço dos idosos, dos mais pobres e mais frágeis; pensemos naquelas que continuam a trabalhar com empenho, suportando dificuldades e talvez incompreensões; pensemos em quantos sofrem por causa da fé, mas continuam a rezar e a amar; pensemos naqueles que, em vez de seguirem os próprios instintos, respondem ao mal com o bem, encontram a força para perdoar e a coragem para recomeçar. Estes são apenas alguns exemplos de pessoas que não escolhem a porta larga do próprio conforto, mas a porta estreita de Jesus, de uma vida vivida no amor. Estes, diz o Senhor hoje, serão reconhecidos pelo Pai muito mais do que aqueles que se consideram já salvos e, na realidade, na vida são «iníquos» (Lc 13, 27).

Irmãos e irmãs, de que lado queremos estar? Preferimos o caminho fácil de pensar apenas em nós mesmos ou escolhemos a porta estreita do Evangelho, que desafia o nosso egoísmo, mas que nos torna capazes de acolher a verdadeira vida que vem de Deus e nos faz felizes? De que lado estamos nós? Que Nossa Senhora, que seguiu Jesus até à cruz, nos ajude a medir a nossa vida com a d'Ele, para entrar na vida plena e eterna.

\*\*\*

**Domingo, 11 de setembro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia de hoje apresenta-nos as *três parábolas da misericórdia* (cf. Lc 15, 4-32); chamam-se assim porque mostram o coração misericordioso de Deus. Jesus narra-as em resposta às murmurações dos fariseus e dos escribas, que dizem: «Este acolhe os pecadores e come com eles» (v. 2). Escandalizavam-se porque Jesus estava entre os pecadores. Se para eles isto é religiosamente escandaloso, Jesus, acolhendo os pecadores e comendo com eles, revela-nos que Deus é exatamente assim: Deus não exclui ninguém, deseja todos no seu banquete, porque Ele ama todos como filhos, todos, sem excluir ninguém, todos. As três parábolas, então,

resumem o coração do Evangelho: Deus é Pai e vem procurar-nos cada vez que nos perdemos.

Na verdade, os protagonistas das parábolas, representando Deus, são um pastor que procura a ovelha perdida, uma mulher que encontra a moeda perdida, e o pai do filho pródigo. Reflitamos sobre um aspeto comum a estes três protagonistas. No fundo, os três têm um aspeto comum, que poderíamos definir como: a *inquietação pela falta* - faltam as ovelhas, falta a moeda, falta o filho -; a *inquietação pela falta*, os três nestas parábolas estão inquietos porque lhes falta algo. Afinal, os três, se fizessem alguns cálculos, poderiam estar tranquilos: ao pastor falta uma ovelha, mas tem outras noventa e nove - “Que se perca...”; a mulher, uma moeda, mas tem outras nove; e também o Pai tem outro filho, obediente, a quem se dedicar: por que pensar naquele que partiu para uma vida dissoluta? Em vez disso, nos seus corações - o do pastor, o da mulher e o do pai - há a preocupação pelo que falta: a ovelha, a moeda, o filho que foi embora. Quem ama preocupa-se por quem falta, sente nostalgia de quem está ausente, procura aquele que se perdeu, espera por aquele que se afastou. Pois deseja que ninguém se perca.

Irmãos e irmãs, Deus é assim: Ele não está “tranquilo” se nos afastarmos d’Ele, sofre, freme no íntimo; e põe-se em movimento para ir à nossa procura, até nos reconduzir aos seus braços. O Senhor não calcula as perdas e os riscos, tem um coração de pai e de mãe, e sofre pela falta dos filhos amados. “Mas por que sofre se este filho é um desventurado, foi embora?”. Sofre, sofre. Deus sofre pela nossa distância, e quando nos desviamos, espera o nosso regresso. Lembremo-nos: Deus está sempre à nossa espera de braços abertos, seja qual for a situação na vida em que estamos perdidos. Como diz um salmo, Ele não dorme, Ele vela sempre sobre nós (cf. 121, 4-5).

Olhemos agora para nós mesmos e perguntemo-nos: imitamos o Senhor nisto, será que temos a inquietação da falta? Sentimos nostalgia por aqueles que estão ausentes, por aqueles que se afastaram da vida cristã? Carregamos esta inquietação interior, ou permanecemos serenos e sem perturbações entre nós? Por outras palavras, quem falta nas nossas comunidades, será que

nos falta realmente, ou estamos a fingir e não nos comovemos no coração? Quem falta na minha vida, falta concretamente? Ou estamos bem entre nós, tranquilos e felizes nos nossos grupos - “frequento um grupo apostólico muito bom...” -, sem nutrir compaixão por aqueles que estão longe? Não se trata apenas de estarmos “abertos aos outros”, é Evangelho! O pastor da parábola não disse: “Já tenho noventa e nove ovelhas, quem me faz ir à procura da perdida e desperdiçar o meu tempo?”. Em vez disso, ele foi. Reflitamos então sobre as nossas relações: rezo por quem não crê, por quem está distante, por quem está amargurado? Atraímos os distantes através do estilo de Deus, que é a proximidade, a compaixão e a ternura? O Pai pede-nos que estejamos atentos aos filhos dos quais sente falta. Pensemos numa pessoa que conhecemos, que nos está próxima, e que talvez nunca tenha ouvido ninguém dizer-lhe: “Sabes? Tu és importante para Deus”. “Mas eu estou numa situação irregular, fiz esta coisa má, e outra ainda ...” – “És importante para Deus”, dissei-o, “não O procuras, mas Ele procura-te”.

Deixemo-nos inquietar – que sejamos homens e mulheres de coração inquieto – deixemo-nos inquietar com estas perguntas e rezemos a Nossa Senhora, mãe que nunca se cansa de nos procurar e de cuidar de nós, seus filhos.

**Domingo, 18 de setembro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

A parábola que o Evangelho da liturgia de hoje nos apresenta (cf. *Lc 16, 1-13*) parece-nos um pouco difícil de compreender. Jesus narra uma história de corrupção: um administrador desonesto, que rouba e depois, descoberto pelo seu patrão, age com astúcia para sair daquela situação. Perguntemo-nos: no que consiste esta esperteza - é um corrupto aquele que a usa - e que nos quer dizer Jesus?

Pela narração vemos que o administrador corrupto acaba em apuros porque se aproveitou dos bens do seu patrão; agora terá de prestar contas e perderá o seu emprego. Mas ele não desiste, não se resigna ao seu destino e não se comporta como vítima; pelo contrário, age com *astúcia*, procura uma solução, é engenhoso. Jesus parte desta história para nos lançar uma



primeira provocação: «Os filhos deste mundo – diz – são mais sagazes que os filhos da luz» (v. 8). Ou seja, acontece que aqueles que se movem nas trevas, de acordo com certos critérios mundanos, sabem como sair dos problemas, sabem ser mais espertos que os outros; por outro lado, os discípulos de Jesus, isto é, nós, por vezes estamos a dormir, ou somos ingênuos, não sabemos como tomar a iniciativa para procurar vias de saída das dificuldades (cf. *Evangelii gaudium*, 24). Por exemplo, penso nos momentos de crise pessoal, social, mas também eclesial: por vezes deixamo-nos vencer pelo desânimo, ou caímos em lamentos e vitimismos. Em vez disso - diz Jesus - também poderíamos ser *sagazes* segundo o Evangelho, estar *alerta e atentos* para discernir a realidade, ser criativos para procurar boas soluções, para nós e para os outros.

Mas há também outro ensinamento que Jesus nos oferece. Com efeito, em que consiste a esperteza do administrador? Ele decide fazer um desconto àqueles que estão endividados, e por isso eles tornam-se seus amigos, esperando que o possam ajudar quando o patrão o despedir. Antes acumulava riquezas para si, agora usa-as para fazer amigos que o possam ajudar no futuro. Nas mesmas modalidades, roubar. E Jesus, então, ofereceu-nos um ensinamento sobre o *uso dos bens*: «arranjai amigos com o vil dinheiro para que, quando este faltar, eles vos recebam nos tabernáculos eternos» (v. 9). Para herdar a vida eterna não é necessário acumular os bens deste mundo, mas o que conta é a caridade que teremos vivido nas nossas relações fraternas. Eis então o convite de Jesus: não useis os bens deste mundo apenas para vós mesmos e para o vosso egoísmo, mas usai-os para gerar amizades, para criar boas relações, para atuar na caridade, para promover a fraternidade e exercer o cuidado para com os mais débeis.

Irmãos e irmãs, também no mundo de hoje existem histórias de corrupção como aquela do Evangelho; condutas desonestas, políticas injustas, egoísmos que dominam as escolhas dos indivíduos e das instituições, e muitas outras situações obscuras. Mas a nós cristãos não é permitido o desânimo ou, pior ainda, deixar que as coisas corram, permanecer indiferentes. Pelo contrário, somos chamados a ser criativos em praticar o bem, com a prudência e astúcia do Evangelho, utilizando os bens deste mundo - não só os materiais, mas todos os dons que recebemos do

Senhor - não para nos enriquecer, mas para gerar amor fraterno e amizade social. Isto é muito importante: com a nossa atitude, gerar amizade social.

Rezemos a Maria Santíssima, para que nos ajude a ser como ela, pobres em espírito e ricos em caridade recíproca.

\*\*\*

**Domingo, 16 de outubro de 2022/p>**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da liturgia de hoje termina com uma pergunta preocupada de Jesus: «Mas, quando o Filho do Homem voltar encontrará fé sobre a terra?» (Lc 18, 8). Como se dissesse: quando eu voltar no final da história - mas, podemos pensar, também agora, neste momento da vida - encontrarei alguma fé em vós, no vosso mundo? Trata-se de uma questão séria. Imaginemos que o Senhor venha hoje à terra: ele veria, infelizmente, tantas guerras, tanta pobreza e tantas desigualdades, e ao mesmo tempo grandes conquistas da tecnologia, meios modernos e pessoas sempre a correr, sem nunca parar; mas será que ele encontraria aqueles que lhe dedicam tempo e afeto, aqueles que o colocam em primeiro lugar? E sobretudo, perguntemonos: se o Senhor viesse hoje, o que encontraria ele em mim, na minha vida, no meu coração? Que prioridades na minha vida veria ele?

Nós, muitas vezes, concentramo-nos em tantas coisas urgentes, mas desnecessárias, ocupamo-nos e preocupamo-nos com muitas realidades secundárias; e talvez, sem nos darmos conta, negligenciamos o que mais importa e permitimos que o nosso amor por Deus arrefeça, arrefeça pouco a pouco. Hoje, Jesus oferece-nos o remédio para aquecer uma fé tibia. E qual é o remédio? Oração. A oração é o remédio da fé, a restauradora da alma. Deve, no entanto, ser uma oração constante. Se tivermos de seguir uma cura para melhorar, é importante segui-la bem, tomar os medicamentos de forma correta e no momento estabelecido, com constância e regularidade. Em tudo na vida há uma necessidade disto. Pensemos numa planta que temos em casa: devemos nutri-la com constância todos os dias, não a podemos

encharcar e depois deixá-la sem água durante semanas! Isto é válido para oração: não podemos viver apenas de momentos fortes ou de encontros intensos de vez em quando e depois “entrar em hibernação”. A nossa fé secará. Precisamos da água diária da oração, precisamos de tempo dedicado a Deus, para que Ele possa entrar no nosso tempo, na nossa história; momentos constantes em que abrimos o nosso coração a Ele, para que Ele possa derramar amor, paz, alegria, força, esperança em nós todos os dias; isto é, alimentar a nossa fé.

Por isso Jesus fala hoje aos seus discípulos - a todos, não apenas a alguns! - «sobre a obrigação de orar sempre, sem desfalecer» (v. 1). Mas pode-se objetar: “Mas como faço? Não vivo num convento, não tenho muito tempo para rezar”. Talvez uma prática espiritual sábia possa vir em auxílio desta dificuldade, que é verdadeira, que hoje está um pouco esquecida, que os nossos idosos, especialmente as nossas avós, conhecem bem: a das chamadas orações *jaculatórias*. O nome está um pouco desatualizado, mas a substância é boa. Do que se trata? Orações muito curtas, fáceis de memorizar, que podemos repetir frequentemente durante o dia, no decorrer de várias atividades, para ficarmos “sintonizados” com o Senhor. Tomemos alguns exemplos. Assim que acordamos, podemos dizer: “Senhor, agradeço-te e ofereço-te este dia”: esta é uma breve oração; depois, antes de uma atividade, podemos repetir: “Vem, Espírito Santo”; e entre uma coisa e outra podemos rezar assim: “Jesus, confio em ti, Jesus, amo-te”. Pequenas orações, mas que nos mantêm em contacto com o Senhor. Quantas vezes enviamos “pequenas mensagens” a pessoas que amamos! Façamo-lo também com o Senhor, para que o coração permaneça ligado a Ele. E não nos esqueçamos de ler as suas respostas. O Senhor responde, sempre. Onde as encontramos? No Evangelho, que deve sempre estar à mão para ser aberto algumas vezes durante o dia, para receber uma Palavra de vida dirigida a nós.

E voltemos àquele conselho que tantas vezes dei: tende convosco um pequeno Evangelho, no bolso, na bolsa, e assim, quando tiverdes um minuto, abri-o e lede algo, e o Senhor responderá.

Que a Virgem Maria, fiel na escuta, nos ensine a arte de rezar sempre,  
sem nos cansar.

Domingo, 23 de outubro de 2022

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

O Evangelho da Liturgia de hoje apresenta-nos uma parábola que tem dois protagonistas, um fariseu e um publicano (cf. *Lc* 18, 9-14), ou seja, um homem religioso e um pecador confesso. Ambos sobem ao templo para rezar, mas só o publicano se eleva verdadeiramente a Deus, porque humildemente desce à verdade de si mesmo e se apresenta como é, sem máscaras, com a sua pobreza. Poderíamos então dizer que a parábola se situa entre dois movimentos, expressos por dois verbos: *subir e descer*.

O primeiro movimento é *subir*. Na verdade, o texto começa dizendo: «Dois homens subiram ao templo para rezar» (v. 10). Este aspeto recorda muitos episódios da Bíblia, nos quais para encontrar o Senhor se sobe à montanha da sua presença: Abraão sobe a montanha para oferecer o sacrifício; Moisés sobe ao Sinai para receber os mandamentos; Jesus sobe à montanha, onde é transfigurado. Portanto, subir exprime a necessidade do coração de se desligar de uma vida monótona para ir ao encontro do Senhor; de se erguer das planícies do nosso ego para ascender até Deus - livrar-se do próprio eu; de recolher o que vivemos no vale para o levar perante o Senhor. Isto é “subir”, e quando rezamos, ascendemos.

Mas para vivermos o encontro com Ele e sermos transformados pela oração, para nos elevarmos a Deus, precisamos do segundo movimento: *descer*. Porquê? O que significa isto? Para ascender até Ele devemos descer dentro de nós: cultivar a sinceridade e a humildade de coração, que nos dão um olhar honesto sobre as nossas fragilidades e as nossas pobreza interiores. Com efeito, na humildade tornamo-nos capazes de levar a Deus, sem fingimento, o que realmente somos, as limitações e feridas, os pecados, as misérias que pesam sobre o nosso coração, e de invocar a sua misericórdia para que nos cure, nos sare, nos levante. É Ele quem nos ergue, não nós. Quanto mais descemos com humildade, mais Deus nos elevará.

De facto, o publicano na parábola pára humildemente à distância (cf. v. 13) - não se aproxima, envergonha-se -, pede perdão, e o Senhor eleva-o. Ao contrário, o fariseu exalta-se, seguro de si, convencido de que está bem: ali parado, começa a falar apenas de si mesmo ao Senhor, elogiando-se, enumerando todas as boas obras religiosas que pratica, e despreza os outros: “Não sou como aquele ali...”. Porque a soberba espiritual isso faz – “Mas padre, por que nos fala de soberba espiritual?”. Porque todos nós corremos o risco de cair nisto. Ela leva-nos a pensar que somos bons e a julgar os outros. Esta é a soberba espiritual: “Estou bem, sou melhor que os outros: isto é a tal coisa, aquele é a outra...”. E assim, sem nos darmos conta, adoramos o nosso eu e cancelamos o nosso Deus. É rodar em volta de si mesmo. É a oração sem humildade.

Irmãos, irmãs, o fariseu e o publicano dizem-nos respeito de perto. Pensando neles, olhemos para nós mesmos: verifiquemos se em nós, como no fariseu, existe «a íntima presunção de ser justo» (v. 9) que nos leva a desprezar os outros. Acontece, por exemplo, quando procuramos elogios e enumeramos sempre os nossos méritos e boas obras, quando nos preocupamos em aparecer em vez de ser, quando nos deixamos apanhar pelo narcisismo e pelo exibicionismo. Vigiem sobre o narcisismo e o exibicionismo, fundados na vanglória, que também nos leva a nós cristãos, nós sacerdotes, nós bispos a ter sempre uma palavra nos lábios, qual palavra? “Eu”: “eu fiz isto, eu escrevi aquilo, eu disse, eu compreendi-o antes de vós”, e assim por diante. Onde há muito eu, há pouco Deus. Na minha terra estas pessoas são chamadas “eu-comigo para-mim só-eu”, este é o nome dessas pessoas. E uma vez falava-se de um sacerdote que era assim, centrado em si mesmo, e as pessoas brincavam, dizendo: “Ele quando faz a incensação, fá-la em volta de si, incensa-se”. Assim, faz com que caias até no ridículo.

Peçamos a intercessão de Maria Santíssima, a humilde serva do Senhor, imagem viva do que o Senhor gosta de realizar, derrubando os poderosos dos tronos e elevando os humildes (cf. *Lc* 1, 52).

\*\*\*

Domingo, 30 de outubro de 2022

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

Hoje, na Liturgia, o Evangelho narra o encontro entre Jesus e Zaqueu, chefe dos publicanos na cidade de Jericó (Lc 19, 1-10). No centro desta história está o verbo *procurar*. Estejamos atentos: *procurar*. Zaqueu «*procurava ver Jesus*» (v. 3) e Jesus, depois de o conhecer, diz: «O Filho do Homem veio *procurar* e salvar o que estava perdido» (v. 10). Reflitamos um pouco sobre os dois olhares que se procuram: o *olhar de Zaqueu* que procura Jesus e o *olhar de Jesus* que procura Zaqueu.

O *olhar de Zaqueu*. Trata-se de um publicano, ou seja, um daqueles judeus que cobravam impostos em nome dos dominadores romanos - um traidor da pátria - e aproveitavam-se daquela sua posição. Por isso, Zaqueu era rico, odiado por todos e apontado como pecador. O texto diz que «era de pequena estatura» (v. 3) e com isto talvez aluda também à sua baixa interior, à sua vida medíocre, desonesta, sempre com o olhar dirigido para baixo. Mas o importante é que ele era baixinho. No entanto, Zaqueu *quer ver Jesus*. Algo o impele a vê-lo. «Correndo à frente – diz o Evangelho – subiu a um sicómoro para o ver, porque Ele devia passar por ali» (v. 4). Subiu a um sicómoro: Zaqueu, o homem que dominava tudo, torna-se ridículo, vai no caminho do ridículo para ver Jesus. Pensemos no que aconteceria se, por exemplo, um ministro da economia subisse a uma árvore para olhar para outra coisa: correria o risco de ser ridicularizado. E Zaqueu correu o risco de ser ridicularizado para ver Jesus. Zaqueu, na sua baixa, sente a necessidade de procurar outro olhar, o de Cristo. Ainda não o conhece, mas está à espera de alguém que o liberte da sua condição - moralmente baixa - que o tire da lama na qual se encontra. Isto é fundamental: Zaqueu ensina-nos que, na vida, nunca tudo está perdido. Por favor, nunca tudo está perdido, nunca! Podemos sempre criar espaço para o desejo de recomeçar, de iniciar de novo, de nos converter. Isto é o que Zaqueu faz.

Decisivo neste sentido é o segundo aspeto: o *olhar de Jesus*. Ele foi enviado pelo Pai para procurar quem se perdeu; e quando chega a Jericó,

passa exatamente ao lado da árvore onde está Zaqueu. O Evangelho narra que «Jesus *levantou os olhos* e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois tenho de ficar em tua casa”» (v. 5). É uma imagem muito bonita, porque se Jesus deve levantar os olhos, significa que olha para Zaqueu de baixo. Esta é a história da salvação: Deus não nos olhou do alto para nos humilhar nem julgar, não; pelo contrário, abaixou-se ao ponto de nos lavar os pés, olhando-nos de baixo e restituindo-nos dignidade. Assim, o cruzar dos olhares entre Zaqueu e Jesus parece resumir toda a história da salvação: a humanidade com as suas misérias procura a redenção, mas antes de mais Deus com misericórdia procura a criatura para a salvar.

Irmãos, irmãs, lembremo-nos disto: o olhar de Deus nunca pára no nosso passado cheio de erros, mas olha com infinita confiança para aquilo em que nos podemos tornar. E se por vezes nos sentimos pessoas de baixa estatura, não à altura dos desafios da vida e muito menos do Evangelho, mergulhados em problemas e pecados, Jesus olha para nós sempre com amor; como com Zaqueu, ele vem até nós, chama-nos pelo nome e, se o acolhermos, vem até à nossa casa. Então podemos perguntar-nos: como nos vemos a nós mesmos? Sentimo-nos inadequados e resignados, ou precisamente nesse momento, quando nos sentimos tristes, procuramos o encontro com Jesus? E depois: que olhar temos para aqueles que erraram e estão a lutar para se erguerem do pó dos seus erros? É um olhar do alto, que julga, despreza e exclui? Recordemos que é admissível olhar para uma pessoa do alto para baixo apenas para a ajudar a erguer-se: nada mais. Só neste caso é permitido olhar de cima para baixo. Mas nós cristãos devemos ter o olhar de Cristo, que abraça de baixo, que procura quem está perdido, com compaixão. Este é, e deve ser, o olhar da Igreja, sempre, o olhar de Cristo, e não o olhar condenador.

Oremos a Maria, cuja humildade o Senhor contemplou, e peçamos-lhe o dom de um novo olhar sobre nós e sobre os outros.

\*\*\*

SOLENIIDADE DE TODOS OS SANTOS

Terça-feira, 1º de novembro de 2022



*Estimados irmãos e irmãs, feliz festa, bom dia!*

Hoje, celebramos todos os Santos, e poderíamos ter uma impressão enganadora: poderíamos pensar que estamos a celebrar as irmãs e irmãos que na vida foram perfeitos, sempre lineares, impecáveis, aliás, “engomados”. Ao contrário, o Evangelho de hoje desmente esta visão estereotipada, esta “santidade de santinho”. De facto, as Bem-aventuranças de Jesus (cf. *Mt* 5, 1-12), que são o cartão de cidadão dos santos, mostram o oposto: falam de uma vida contra a corrente, de uma vida revolucionária! Os santos são os verdadeiros revolucionários.

Vejamos, por exemplo, uma bem-aventurança muito atual: «Bem-aventurados os pacificadores» (v. 9), e constatamos como a paz de Jesus é muito diferente do que imaginamos. Todos desejamos paz, mas muitas vezes o que queremos não é precisamente a paz, é estar em paz, ser deixados em paz, não ter problemas, mas tranquilidade. Por outro lado, Jesus não chama bem-aventurados os tranquilos, aqueles que estão em paz, mas aqueles que fazem a paz e lutam para fazer a paz, os construtores, os pacificadores. De facto, a paz tem de ser construída, e como qualquer construção requer empenho, colaboração, paciência. Gostaríamos que a paz chovesse do alto, mas a Bíblia fala da «semente da paz» (*Zc* 8, 12), porque germina do terreno da vida, da semente do nosso coração; cresce no silêncio, dia após dia, através de obras de justiça e misericórdia, como nos mostram as testemunhas luminosas que hoje celebramos. Somos levados a acreditar que a paz vem pela força e pelo poder: para Jesus é o oposto. A sua vida e a dos santos dizem-nos que a semente da paz, para crescer e dar fruto, deve primeiro morrer. A paz não é alcançada conquistando ou derrotando alguém, nunca é violenta, nunca está armada. Estava a ver no programa “À Sua Imagem” [programa da Tv italiana, ndr], tantos santos e santas que lutaram, que construíram a paz, mas com o trabalho, dando a própria vida, oferecendo a vida.

Como nos tornamos então pacificadores? Antes de mais, é necessário *desarmar o coração*. Sim, porque estamos todos equipados com pensamentos agressivos, uns contra os outros, com palavras afiadas, e pensamos estar a defender-nos com o arame farpado da queixa e os muros

de cimento da indiferença; e entre queixa e indiferença defendemo-nos, mas isto não é paz, isto é guerra. A semente da paz pede-nos que desmilitarizemos o campo do coração. Como está o teu coração? Está desmilitarizado ou cheio destes sentimentos, com queixas e indiferença, com agressão? E como se desmilitariza o coração? Abrindo-nos a Jesus, que é «a nossa paz» (Ef 2, 14); permanecendo diante da sua Cruz, que é a cátedra da paz; recebendo d'Ele, na Confissão, «o perdão e a paz». Por aqui se começa, pois ser pacificadores, ser santos, não é capacidade nossa, é dom seu, é graça.

Irmãos e irmãs, olhemos para dentro de nós e perguntemo-nos: somos pacificadores? Onde vivemos, estudamos e trabalhamos, levamos tensão, palavras que magoam, tagarelices que envenenam, polémicas que dividem? Ou será que abrimos o caminho para a paz: perdoamos aqueles que nos ofendem, cuidamos dos que estão à margem, curamos alguma injustiça ajudando aqueles que têm menos? A isto chama-se construir a paz.

No entanto, pode surgir uma última questão, que se aplica a qualquer bem-aventurança: vale a pena viver desta forma? Não é de perdedor? É Jesus que nos dá a resposta: os pacificadores «serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9): no mundo parecem fora de lugar, porque não cedem à lógica do poder e do prevalecer, no Céu serão os mais próximos de Deus, os mais semelhantes a Ele. Mas, na realidade, também aqui aqueles que prevaricam permanecem de mãos vazias, enquanto aqueles que amam todos e não magoam ninguém vencem: como diz o Salmo, «o homem de paz terá uma descendência» (cf. Sl 37, 37).

Que a Virgem Maria, Rainha de todos os santos, nos ajude a ser construtores de paz na vida diária.

\*\*\*

**Domingo, 13 de novembro de 2022**

*Prezados irmãos e irmãs, bom dia, bom domingo!*

O Evangelho de hoje leva-nos a Jerusalém, ao lugar mais sagrado: o templo. Ali, à volta de Jesus, algumas pessoas falam da magnificência daquele grandioso edifício, «guarnecido de belas pedras» (Lc 21, 5). Mas o Senhor diz: «Dias hão de vir em que, de tudo isto que estais a contemplar, não ficará pedra sobre pedra» (v. 6). Depois reforça a mensagem, explicando como na história quase tudo desmorona: haverá, diz ele, revoluções e guerras, terramotos e carestias, pestes e perseguições (cf. vv. 9-17). Como para dizer: não se deve confiar demasiado nas realidades terrenas: elas passam. São palavras sábias, mas podem causar-nos alguma amargura: já tantas coisas correm mal, por que faz o Senhor também discursos tão negativos? Na realidade, a sua intenção não é ser negativo, é outra, é dar-nos um ensinamento precioso, ou seja, a saída de toda esta precariedade. E qual é a saída? Como podemos sair desta realidade que vai passando e deixará de existir?

Ela está numa palavra que talvez nos surpreenda. Cristo revela-a na última frase do Evangelho, quando diz: «Pela vossa constância é que salvareis as vossas almas» (v. 19). *Perseverança*. O que significa? A palavra indica ser “muito severo”; mas severos em que sentido? Com nós próprios, não nos considerando à altura? Não. Com os outros, tornando-nos rígidos e inflexíveis? Nem sequer. Jesus pede-nos para sermos “severos”, inflexíveis, persistentes naquilo que lhe agrada, no que conta. Porque, o que realmente conta, muitas vezes não coincide com o que atrai o nosso interesse: muitas vezes, como aquelas pessoas no templo, damos prioridade às obras das nossas mãos, às nossas realizações, às nossas tradições religiosas e civis, aos nossos símbolos sagrados e sociais. Isto está bem, mas damos-lhes demasiada prioridade. Estas coisas são importantes, mas passam. Ao contrário, Jesus diz para nos concentrarmos no que permanece, para evitar que dediquemos a vida à construção de algo que mais tarde será destruído, como aquele templo, e nos esqueçamos de edificar o que não desmorona, de construir sobre a sua palavra, sobre o amor, sobre o bem. Ser perseverante, ser severo e decidido a construir sobre aquilo que não passa.

Eis então o que é a perseverança: *construir o bem todos os dias*. Perseverar é permanecer constantes no bem, sobretudo quando a realidade à nossa volta nos impele a fazer outra coisa. Façamos alguns exemplos: sei

que rezar é importante, mas eu também, como todos, tenho sempre muito que fazer, e então adio: “Não, estou ocupado agora, não posso, faço-o mais tarde”. Ou vejo tantas pessoas astutas que se aproveitam das situações, que “driblam” as regras, e eu também deixo de as observar, de perseverar na justiça e na legalidade: “Mas se estes espertinhos fazem, faço eu também”. Cuidado com isso! E ainda: presto um serviço na Igreja, à comunidade, aos pobres, mas vejo que tantas pessoas no seu tempo livre só pensam em divertir-se, e depois apetece-me desistir e fazer o que elas fazem. Pois não vejo resultados ou fico aborrecido ou isso não me faz feliz.

Perseverar, ao contrário, é permanecer no bem. Perguntemo-nos: como está a minha perseverança? Sou constante ou vivo a fé, a retidão e a caridade de acordo com o momento: se me apetece, rezo, se me convém, sou justo, prestável e útil, enquanto que se estou insatisfeito, se ninguém me agradece, não faço mais? Em suma, a minha oração e serviço dependem das circunstâncias ou de um coração inabalável no Senhor? Se perseverarmos - lembra-nos Jesus - não temos nada a temer, até das vicissitudes tristes e difíceis da vida, nem sequer do mal que vemos à nossa volta, pois continuamos enraizados no bem. Dostoievski escreveu: «Não temas os pecados dos homens, ama o homem mesmo com o seu pecado, porque este reflexo do amor divino é o ápice do amor na terra» (*Os Irmãos Karamazov*, II, 6, 3g). A perseverança é o reflexo do amor de Deus no mundo, pois o amor de Deus é fiel, é perseverante, nunca muda.

Que Nossa Senhora, serva do Senhor perseverante na oração (cf. *At 1, 12*), fortaleça a nossa constância.

\*\*\*

**Domingo, 27 de novembro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia, feliz domingo!*

No Evangelho da Liturgia de hoje ouvimos uma bonita promessa que nos introduz no Tempo de Advento: «Virá o vosso Senhor» (*Mt 24, 42*). Este é o fundamento da nossa esperança, é o que nos sustenta até nos

momentos mais difíceis e dolorosos da nossa vida: Deus vem, Deus está próximo e vem. Nunca nos esqueçamos disto! O Senhor vem sempre, o Senhor visita-nos, o Senhor está próximo, e voltará no final dos tempos para nos acolher no seu abraço. Diante desta palavra, perguntamo-nos: como vem o Senhor? E como o reconhecemos e acolhemos? Reflitamos brevemente sobre estas duas perguntas.

A primeira pergunta: *como vem o Senhor?* Tantas vezes ouvimos dizer que o Senhor está presente no nosso caminho, que Ele nos acompanha e nos fala. Mas talvez, distraídos como estamos por tantas coisas, esta verdade permanece para nós apenas teórica; sim, sabemos que o Senhor vem, mas não vivemos esta verdade ou imaginamos que o Senhor vem de uma forma sensacional, talvez através de algum sinal prodigioso. Ao contrário, Jesus diz que isso acontecerá “como nos dias de Noé” (cf. v. 37). E o que faziam nos dias de Noé? Simplesmente as coisas normais e quotidianas da vida, como sempre: «comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento» (v. 38). Tenhamos isto em mente: Deus está escondido na nossa vida, Ele está sempre ali, Ele está escondido nas situações mais comuns e ordinárias da nossa vida. Ele não vem em eventos extraordinários, mas nas coisas do dia a dia, Ele manifesta-se nas coisas de todos os dias. Ele está ali, no nosso trabalho diário, num encontro casual, no rosto de uma pessoa em necessidade, inclusive quando enfrentamos dias que parecem cinzentos e monótonos, precisamente ali está o Senhor, que nos chama, fala-nos e inspira as nossas ações.

No entanto, há uma segunda pergunta: *como reconhecer e acolher o Senhor?* Devemos permanecer acordados, alerta, vigilantes. Jesus avisa-nos: há o perigo de não perceber a sua vinda e de não estar preparado para a sua visita. Recordei noutras ocasiões o que Santo Agostinho disse: «Temo o Senhor que passa» (*Serm.* 88.14.13), ou seja, temo que Ele passe e eu não O reconheça! De facto, Jesus diz das pessoas do tempo de Noé que comiam e bebiam «e não deram por nada até chegar o dilúvio» (v. 39). Prestemos atenção a isto: eles não repararam em nada! Estavam preocupados com as próprias coisas e não se aperceberam que o dilúvio estava a chegar. De facto, Jesus diz que quando Ele vier, «estarão dois homens no campo: um será levado e o outro será deixado» (v. 40). Em que sentido? Qual é a

diferença? Simplesmente que um foi vigilante, esperava, capaz de discernir a presença de Deus na vida diária; o outro, ao contrário, estava distraído, “ia vivendo”, e não se deu conta de nada.

Irmãos e irmãs, neste tempo de Advento, deixemo-nos despertar do torpor e acordemos do sono! Perguntemo-nos: estou consciente do que vivo, estou alerta, estou desperto? Procuremos perguntar-nos: estou ciente daquilo que vivo, estou atento, estou acordado? Procuo reconhecer a presença de Deus nas situações quotidianas, ou estou distraído e um pouco sobrecarregado com as coisas? Se hoje não estivermos conscientes da sua vinda, também não estaremos preparados quando ele chegar no final dos tempos. Portanto, irmãos e irmãs, mantenhamo-nos vigilantes! À espera que o Senhor venha, à espera que o Senhor se aproxime de nós, pois Ele está presente, mas esperemos vigilantes. Que a Virgem Santa, Mulher da espera, que soube captar a passagem de Deus na vida humilde e escondida de Nazaré e o acolheu no seu ventre, nos ajude neste caminho a estar atentos para esperar o Senhor que está entre nós e passa.

\*\*\*

**Domingo, 4 de dezembro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia, feliz domingo!*

Hoje, segundo domingo do Advento, o Evangelho da Liturgia apresenta-nos a figura de João Batista. O texto diz que «trazia um traje de pelos de camelo», que se «alimentava de gafanhotos e mel silvestre» (Mt 3, 4) e que convidava todos à conversão: «Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus» (v. 2). Ele pregou a proximidade do Reino. Em suma, um homem austero e radical, que à primeira vista pode parecer um pouco duro e incutir algum temor. Mas, então perguntemo-nos: por que a Igreja o propõe todos os anos como o principal companheiro de viagem durante este tempo de Advento? O que está por detrás da sua severidade, por detrás da sua aparente dureza? Qual é o segredo de João? Qual é a mensagem que a Igreja nos transmite hoje com João?

Na realidade, o Batista, mais do que um homem duro, é um homem *alérgico à duplicidade*. Por exemplo, quando fariseus e saduceus, conhecidos pela sua hipocrisia, se aproximam dele, a sua “reação alérgica” é muito forte! De facto, alguns deles, provavelmente vieram ter com ele por curiosidade ou oportunismo, pois João tinha-se tornado muito popular. Aqueles fariseus e saduceus sentiam-se justos e, perante o apelo do Batista, argumentavam dizendo: «Temos por pai a Abraão» (v. 9). Assim, entre duplicidades e presunção, não aproveitaram a ocasião de graça, a oportunidade de começar uma vida nova; estavam fechados na presunção de serem justos. Por isso João diz-lhes: «Produzi frutos dignos de arrependimento!», (v. 8). É um grito de amor, como o de um pai que vê o filho arruinado e lhe diz: “Não deites fora a tua vida!”. Com efeito, prezados irmãos e irmãs, a hipocrisia é o maior perigo, porque pode arruinar também as realidades mais sagradas. A hipocrisia é um grave perigo! É por isso que o Batista - como depois também Jesus - é duro com os hipócritas. Podemos ler, por exemplo, o capítulo 23 de Mateus, onde Jesus fala tão energicamente aos hipócritas da época! E por que fazem isto o Batista e também Jesus? Para os despertar. Mas, aqueles que se sentiam pecadores «iam ter com ele e eram por ele batizados» (v. 5). É assim: para acolher Deus, não importa a habilidade, mas a humildade. Esta é a maneira de acolher Deus, não a bravura: “somos fortes, somos um grande povo...”, não, a humildade: “sou um pecador”; mas não em abstrato, não, “por isto, isso e aquilo”, cada um de nós deve confessar, antes de mais a si mesmo, os próprios pecados, as próprias falhas, as próprias hipocrisias; devemos descer do pedestal e mergulhar na água do arrependimento.

Estimados irmãos e irmãs, João, com as suas “reações alérgicas”, faz-nos refletir. Não somos por vezes também um pouco como aqueles fariseus? Talvez olhemos para os outros de cima para baixo, pensando que somos melhores do que eles, que temos a nossa vida nas mãos, que não precisamos todos os dias de Deus, da Igreja, dos irmãos. Esquecemos que existe apenas um caso em que é lícito olhar para o outro de cima para baixo: quando é necessário ajudá-lo a levantar-se; o único caso, os outros não são lícitos. O Advento é um tempo de graça para tirar as nossas máscaras - cada um de nós as tem - e pôr-se na fila com os humildes; para nos libertarmos da presunção de acreditarmos que somos autossuficientes, para irmos

confessar os nossos pecados, os escondidos, e receber o perdão de Deus, para pedirmos desculpa a quantos ofendemos. Começa assim uma nova vida. E o caminho é apenas um, o da humildade: purificar-nos do sentido de superioridade, do formalismo e da hipocrisia, para ver os outros como irmãos e irmãs, pecadores como nós, e ver em Jesus o Salvador que vem por nós - não pelos outros, por nós - como somos, com as nossas pobreza, misérias e defeitos, sobretudo com a nossa necessidade de sermos levantados, perdoados e salvos.

E lembremo-nos de mais uma coisa: com Jesus há sempre uma oportunidade de recomeçar: nunca é tarde demais, há sempre a possibilidade de recomeçar. Tende coragem, Ele está próximo de nós e este é um tempo de conversão. Cada um pode pensar: “Tenho esta situação aqui dentro, este problema que me faz envergonhar...”. Mas Jesus está ao teu lado, recomeça, há sempre a possibilidade de dar um passo a mais. Ele espera por nós e nunca se cansa de nós. Nunca se cansa! E nós somos tediosos, mas Ele nunca se cansa. Ouçamos o apelo de João Batista para voltarmos a Deus, e não deixemos passar este Advento como os dias do calendário, pois este é um tempo de graça, de graça também para nós, agora, aqui! Que Maria, a humilde serva do Senhor, nos ajude a encontrar a Ele e aos irmãos no caminho da humildade, que é a única que nos fará ir em frente.

\*\*\*

SOLENIIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

Quinta-feira, 8 de dezembro de 2022

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia e feliz festa!*

O Evangelho da Solenidade de hoje introduz-nos na casa de Maria para nos narrar a Anunciação (cf. *Lc* 1, 26-38). O anjo Gabriel saúda a Virgem assim: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo» (v. 28). Ele não a chama pelo nome, Maria, mas com um novo nome, que Ela não conhecia: *cheia de graça!* Cheia de graça e, portanto, sem pecado, é o nome que Deus lhe dá e que hoje nós celebramos.



Mas pensemos no assombro de Maria: só então Ela descobriu a sua identidade mais verdadeira. Com efeito, chamando-a com aquele nome, Deus revela-lhe o seu maior segredo, que antes Ela ignorava. Algo análogo pode acontecer também connosco. Em que sentido? No sentido que inclusive nós, pecadores, recebemos um dom inicial que encheu a nossa vida, um bem maior do que tudo, recebemos uma *graça original*. Falamos muito do pecado original, mas também recebemos uma graça original, da qual muitas vezes não estamos conscientes.

De que se trata? Em que consiste esta graça original? Foi o que recebemos no dia do nosso Batismo, que por isso nos fará bem recordar, e também celebrar! Faço uma pergunta. Esta graça recebida no dia do Batismo é importante, mas quantos de vós se lembram da data do vosso Batismo? Refleti sobre isto! E se não vos recordais, quando voltardes para casa perguntai ao padrinho, madrinha, pai ou mãe: “Quando fui batizado, batizada?”. Pois aquela data é o dia da grande graça, de um novo início de vida, da graça original que temos. Naquele dia Deus desceu sobre a nossa vida, e tornámo-nos seus filhos amados para sempre. Eis a nossa beleza original, pela qual nos devemos regozijar! Hoje Maria, surpreendida pela graça que a tornou bela desde o primeiro instante de vida, leva-nos a admirar-nos com a nossa beleza. Podemos captá-la através de uma imagem: a da veste branca do Batismo; ela recorda-nos que, por detrás do mal com que nos manchamos ao longo dos anos, em nós existe um bem maior do que todos aqueles males que nos aconteceram. Ouçamos o seu eco, ouçamos Deus que nos diz: “Filho, filha, eu amo-te e estou sempre contigo, tu és importante para mim, a tua vida é preciosa!”. Quando as coisas não correm bem e desanimamos, quando nos sentimos abatidos e corremos o risco de nos sentirmos inúteis ou errados, pensemos nisto, na graça original. Deus está ao nosso lado, Deus está comigo desde aquele dia. Reflitamos sobre isto!

Hoje, a Palavra de Deus ensina-nos outra coisa importante: que preservar a nossa beleza tem um preço, requer uma luta. Com efeito, o Evangelho mostra-nos a coragem de Maria, que disse “sim” a Deus, que escolheu *o risco de Deus*; e o trecho do Génesis, relativo ao pecado original, fala-nos de uma luta contra o tentador e as suas tentações (cf. *Gn*

3, 15). Mas também por experiência, todos nós sabemos: requer o esforço de escolher o bem; exige o esforço de preservar o bem que existe em nós. Pensemos nas numerosas vezes que o desperdiçamos, cedendo às seduções do mal, agindo de modo astuto pelos nossos próprios interesses ou fazendo algo que poluiria o nosso coração; ou até perdendo tempo com coisas inúteis e prejudiciais, adiando a oração, ou dizendo “não posso” a quem precisava de nós quando, ao contrário, nós podíamos.

Mas diante de tudo isto, hoje temos uma boa notícia: Maria, a única criatura humana sem pecado na história, está connosco na luta, é nossa irmã e sobretudo nossa Mãe. E nós, que temos dificuldade de escolher o bem, podemos *confiar-nos a Ela*. Confiando-nos, consagrando-nos a Nossa Senhora, digamos-lhe: “Segura a minha mão, Mãe, guia-me: contigo terei mais força na luta contra o mal, contigo redescobrirei a minha beleza original!”. Confiemo-nos a Maria hoje, todos os dias, repetindo-lhe: “Maria, confio-te a minha vida, a minha família, o meu trabalho, confio-te o meu coração e as minhas lutas. Consagro-me a ti!”. Que a Imaculada nos ajude a preservar do mal a nossa beleza!

\*\*\*

**Domingo, 11 de dezembro de 2022**

*Prezados irmãos e irmãs, bom domingo!*

O Evangelho deste terceiro domingo de Advento fala-nos de João Batista que, enquanto está na prisão, envia os seus discípulos a perguntar a Jesus: «És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar por outro?» (Mt 11, 4). Com efeito, ouvindo falar das obras de Jesus, João é tomado pela dúvida sobre se Ele é realmente o Messias ou não. Efetivamente, pensava num Messias severo, que viria e faria justiça com o poder, castigando os pecadores. Agora, ao contrário, Jesus tem palavras e gestos de compaixão para com todos, no centro do seu agir está a misericórdia que perdoa, pelo que «os cegos recuperem a visão, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, o Evangelho é

anunciado aos pobres» (v. 5). Mas faz-nos bem meditar sobre esta crise de João Batista, pois pode dizer algo importante também a nós.

O texto realça que João está na prisão, e isto, para além do lugar físico, faz-nos pensar na situação interior que ele vive: na prisão há escuridão, não há possibilidade de ver claramente e de ver além. Com efeito, o Batista já não pode reconhecer Jesus como o Messias esperado. Assaltado pela dúvida, envia os discípulos para verificar: “Ide ver se é o Messias ou não”. Surpreende-nos que isto aconteça precisamente com João, que batizara Jesus no Jordão e que o tinha indicado aos seus discípulos como o Cordeiro de Deus (cf. *Jo* 1, 29). Mas isto significa que até o maior crente atravessa o túnel da dúvida. E isto não é um mal; pelo contrário, às vezes é essencial para o crescimento espiritual: ajuda-nos a compreender que Deus é sempre maior do que o imaginamos; as obras que realiza são surpreendentes em relação aos nossos cálculos; o seu agir é sempre diferente, supera as nossas necessidades e expectativas; e por isso nunca devemos deixar de o procurar e de nos convertermos à sua verdadeira face. Um grande teólogo dizia que Deus «deve ser redescoberto por etapas... às vezes acreditando que o perdemos» (H. DE LUBAC, *Sulle vie di Dio*, Milão 2008, 25). É o que faz o Batista: na dúvida, volta a procurá-lo, interroga-o, “discute” com Ele e finalmente redescobre-o. João, definido por Jesus como o maior entre os nascidos de mulher (cf. *Mt* 11, 11), ensina-nos, em síntese, a não fechar Deus nos nossos esquemas. Este é sempre o perigo, a tentação: fazer um Deus à nossa medida, um Deus para usar. E Deus é outra coisa.

Irmãos e irmãs, também nós às vezes podemos encontrar-nos na sua situação, numa prisão interior, incapazes de reconhecer a novidade do Senhor, que talvez mantenhamos prisioneiro, na presunção de que já sabemos tudo sobre Ele. Caros irmãos e irmãs, nunca sabemos tudo sobre Deus, nunca! Talvez tenhamos em mente um Deus poderoso, que faz o que quiser, e não o Deus da mansidão humilde, o Deus da misericórdia e do amor, que intervém respeitando sempre a nossa liberdade e as nossas escolhas. Talvez também nós gostássemos de lhe dizer: “És realmente Tu, tão humilde, o Deus que vem para nos salvar?”. E pode acontecer-nos algo semelhante também em relação aos irmãos: temos as nossas ideias, os nossos preconceitos, e atribuímos aos outros - especialmente a quem

sentimos que é diferente de nós - etiquetas rígidas. Então, o Advento é *um tempo de inversão de perspectivas*, onde nos deixarmos surpreender pela grandeza da misericórdia de Deus. O enlevo: Deus surpreende sempre (Vimo-lo há pouco, no programa “A Sua imagine” falava-se de enlevo). Deus é sempre Aquele que desperta em nós a admiração. Um tempo – o Advento - em que, preparando o presépio para o Menino Jesus, aprendemos de novo quem é o nosso Senhor; um tempo para sair de certos esquemas, de certos preconceitos em relação a Deus e aos irmãos. O Advento é um tempo em que, em vez de pensar nos dons para nós, podemos oferecer palavras e gestos de consolação a quem está ferido, como fez Jesus aos cegos, aos surdos e aos coxos.

Que Nossa Senhora nos pegue pela mão, como mãe, nestes dias de preparação para o Natal e nos ajude a reconhecer na pequenez do Menino a grandeza de Deus que vem!

\*\*\*

**Domingo, 18 de dezembro de 2022**

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia!*

Hoje, quarto e último domingo do Advento, a liturgia apresenta-nos a figura de São José (cf. *Mt 1, 18-24*). Ele é um homem justo, prestes a casar. Podemos imaginar o que sonha para o futuro: uma bela família, com uma esposa amorosa e muitos filhos bons, e um emprego digno: sonhos simples e bons, sonhos de pessoas simples e boas. Mas de repente estes sonhos são desiludidos com uma descoberta desconcertante: Maria, a sua noiva, espera um bebé, e aquele filho não é seu! O que deve ter sentido José? Desânimo, dor, perplexidade, talvez até irritação e desilusão... Experimentou que o mundo lhe caía em cima! E o que podia fazer?

A Lei dava-lhe duas possibilidades. A primeira era *denunciar* Maria e fazê-la pagar o preço pela alegada infidelidade. A segunda era anular o seu noivado em segredo, sem expor Maria ao escândalo e a pesadas consequências, mas assumindo o fardo da vergonha sobre si. José escolhe

esta segunda via, *a via da misericórdia*. E eis que, no coração da crise, precisamente enquanto pensa e pondera tudo isto, Deus acende uma nova luz no seu coração: em sonho, anuncia-lhe que a maternidade de Maria não vem de uma traição, mas é obra do Espírito Santo, e o menino que vai nascer é o Salvador (cf. vv. 20-21); Maria será a mãe do Messias e ele será o seu guardião. Ao acordar, José percebe que o maior sonho de qualquer israelita piedoso - ser o pai do Messias - se está a tornar realidade para ele de modo absolutamente *inesperado*.

De facto, para o realizar não lhe bastará pertencer à descendência de David e ser um observante fiel da lei, mas terá de confiar em Deus acima de tudo, para acolher Maria e o seu filho de modo completamente diferente do que ele esperava, diferente de como sempre se tinha feito. Por outras palavras, José deverá renunciar às suas certezas tranquilizadoras, aos seus planos perfeitos, às suas legítimas expectativas, e abrir-se a um futuro a ser descoberto. E perante Deus, que muda os planos e pede confiança, José responde sim. A coragem de José é heroica e realiza-se no silêncio: a sua coragem é confiar, confia, acolhe, é disponível, não pede ulteriores garantias.

Irmãos, irmãs, o que nos diz José hoje? Também nós temos os nossos sonhos, e talvez no Natal pensemos mais neles, falamos sobre eles. Talvez lamentemos alguns sonhos quebrados, e vemos que as melhores expectativas são frequentemente confrontadas com situações inesperadas e desconcertantes. E quando isto acontece, José mostra-nos o caminho: não devemos ceder a sentimentos negativos, como a raiva e o fechamento, este é o caminho errado! Ao contrário, devemos acolher as surpresas, as surpresas da vida, inclusive as crises, com uma atenção: que quando estamos em crise, não devemos escolher apressadamente segundo o instinto, mas deixar-nos peneirar, como fez José, “considerar todas as coisas” (cf. v. 20) e basear-se no critério de fundo: a misericórdia de Deus. Quando se habita a crise sem ceder ao fechamento, à raiva e ao medo, mas mantendo a porta aberta a Deus, Ele pode intervir. Ele é um especialista em transformar crises em sonhos: sim, *Deus abre as crises a novas perspectivas* que não imaginávamos antes, talvez não como esperamos, mas como Ele sabe. E estes, irmãos e irmãs, são os horizontes de Deus: surpreendentes,

mas infinitamente mais amplos e mais belos do que os nossos! Que a Virgem Maria nos ajude a vivermos abertos às surpresas de Deus.

\*\*\*

FESTA DE SANTO ESTÊVÃO PROTOMÁRTIR

Segunda-feira, 26 de dezembro de 2022

*Estimados irmãos e irmãs, bom dia, Feliz Festa!*

Ontem celebrámos o Natal do Senhor, e a liturgia, para nos ajudar a acolhê-lo melhor, prolonga a duração da Festa até 1 de janeiro: por oito dias. Surpreendentemente, porém, nestes mesmos dias lembramo-nos de algumas figuras dramáticas de Santos mártires. Hoje, por exemplo, Santo Estêvão, o primeiro mártir cristão; depois de amanhã, os Santos Inocentes, as crianças que o rei Herodes mandou matar porque tinha medo que Jesus lhe tirasse o trono (cf. *Mt 2, 1-18*). Em síntese, parece realmente que a liturgia nos quer afastar do mundo das luzes, dos almoços e dos presentes em que nestes dias poderíamos acomodar-nos um pouco. Porquê?

Porque o Natal não é o conto de fadas do nascimento de um rei, mas a vinda do Salvador, que nos liberta do mal, tomando sobre si o nosso mal: o egoísmo, o pecado, a morte. Este é o nosso mal: o egoísmo que carregamos dentro; o pecado, porque todos nós somos pecadores; e a morte. E os mártires são os mais semelhantes a Jesus. Com efeito, a palavra *mártir* significa *testemunha*: os mártires são testemunhas, isto é, irmãos e irmãs que, através da própria vida, nos mostram Jesus que venceu o mal com a misericórdia. E até nos nossos dias os mártires são numerosos, mais do que nos primeiros tempos. Hoje oremos por estes irmãos e irmãs mártires perseguidos, que dão testemunho de Cristo. Mas é bom que nos interroguemos: sou testemunha de Cristo? E como podemos melhorar nisto, testemunhando melhor Cristo? Pode ajudar-nos precisamente a figura de Santo Estêvão.

Em primeiro lugar, os Atos dos Apóstolos dizem-nos que era um dos sete diáconos que a comunidade de Jerusalém tinha consagrado para o

serviço à mesa, ou seja, para a caridade (cf. 6, 1-6). Isto significa que o seu primeiro testemunho não foi dado com palavras, mas através do amor com que servia os mais necessitados. Mas Estêvão não se limitava a esta obra de assistência. Àqueles que encontrava, falava de Jesus: partilhava a fé à luz da Palavra de Deus e do ensinamento dos Apóstolos (cf. At 7, 1-53.56). Esta é a segunda dimensão do seu testemunho: acolher a Palavra e comunicar a sua beleza, narrar como o encontro com Jesus muda a vida. Isto era tão importante para Estêvão, que não se deixou intimidar pelas ameaças dos perseguidores, nem sequer quando viu que as coisas corriam mal para ele (cf. v. 54). Caridade e anúncio, assim era Estêvão. Contudo, o seu maior testemunho é ainda outro: aquele que soube unir a *caridade* e o *anúncio*. No-lo deixou na hora da morte quando, a exemplo de Jesus, *perdoou* aos seus assassinos (cf. v. 60; Lc 23, 34).

Eis, pois, a nossa resposta à pergunta: podemos melhorar o nosso testemunho através da caridade aos irmãos, da fidelidade à Palavra de Deus e do perdão. *Caridade, Palavra, perdão*. É o perdão que diz se realmente praticamos a caridade ao próximo e se vivemos a Palavra de Jesus. Com efeito, o “perdão” é, como indica a própria palavra, um dom maior, um dom que oferecemos aos outros porque somos de Jesus, perdoados por Ele. Perdoar porque fui perdoado: não nos esqueçamos disto... Pensemos, cada um de nós pense na própria capacidade de perdoar: qual é a minha capacidade de perdoar, nestes dias em que talvez encontremos, entre outras, algumas pessoas com as quais não nos demos bem, que nos feriram, com as quais nunca resolvemos a relação. Peçamos ao recém-nascido Jesus a novidade de um coração capaz de perdoar: todos nós precisamos de um coração que perdoe! Peçamos ao Senhor esta graça: Senhor, para que eu aprenda a perdoar. Peçamos a força para rezar por quem nos ofendeu, para rezar pelas pessoas que nos feriram, e para dar passos de abertura e de reconciliação. Que hoje o Senhor nos conceda esta graça!

E que Maria, Rainha dos mártires, nos ajude a crescer na caridade, no amor à Palavra e no perdão.